



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

BRUNA JAMILA DE CASTRO

**REPRESENTAÇÕES MODERNAS DE NATUREZA NAS
HISTÓRIAS EM QUADRINHOS DO PAPA-CAPIM**

Londrina
2013

BRUNA JAMILA DE CASTRO

**REPRESENTAÇÕES MODERNAS DE NATUREZA NAS
HISTÓRIAS EM QUADRINHOS DO PAPA-CAPIM**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Educação Matemática, da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ensino de Ciências e Educação Matemática.

Orientador: Prof. Dr. Moisés Alves de Oliveira

Londrina
2013

**Catálogo elaborado pela Divisão de Processos Técnicos da Biblioteca Central da
Universidade Estadual de Londrina**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

C355r Castro, Bruna Jamila de.
Representações modernas de natureza nas histórias em quadrinhos do Papa-
Capim / Bruna Jamila de Castro. – Londrina, 2013.
86 f. : il.

Orientador: Moisés Alves de Oliveira.
Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências e Educação Matemática) –
Universidade Estadual de Londrina, Centro de Ciências Exatas, Programa de Pós-
Graduação em Ensino de Ciências e Educação Matemática, 2013.
Inclui bibliografia.

1. Ciência – Estudo e ensino – Teses. 2. Educação ambiental – Formação de
conceitos – Teses. 3. Natureza – Estudos interculturais – Teses. 4. Histórias em
quadrinhos – Temas e motivos – Teses. I. Oliveira, Moisés Alves de. II. Universidade
Estadual de Londrina. Centro de Ciências Exatas. Programa de Pós-Graduação em
Ensino de Ciências e Educação Matemática. III. Título.

CDU 50:37.02

BRUNA JAMILA DE CASTRO

REPRESENTAÇÕES MODERNAS DE NATUREZA NAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS DO PAPA-CAPIM

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Educação Matemática, da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ensino de Ciências e Educação Matemática.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Dr. Moisés Alves de Oliveira
Universidade Estadual de Londrina – UEL

Prof. Dra. Paula Corrêa Henning
Universidade Federal do Rio Grande – FURG

Prof. Dra. Marinez Meneghello Passos
Universidade Estadual de Londrina – UEL

Londrina, 11 de dezembro de 2013.

Para Mami, Papi e Elói,
os amores de minha vida.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Giovana Pinto de Castro e Sérgio Luiz de Castro, por serem meus melhores professores, exemplos de vida. E a minha irmã Gleice Sabrina de Castro. Amo muito vocês! Obrigada por tudo!

Ao meu namorado Elói Gustavo Manfrin, o meu maior incentivador, meu companheiro inseparável há mais de 12 anos. Se cheguei até aqui é porque você me apoia e motiva a seguir meus sonhos. Você me faz imensamente feliz! Amo partilhar a vida com você!

Ao meu orientador, o professor Moisés Alves de Oliveira, pela disposição em compartilhar seus saberes, por sua dedicação e pela paciência em me guiar pelo caminho escorregadio da feitura desta dissertação. Muitíssimo obrigada por ter me dado a oportunidade de fazer este mestrado.

À professora Paula Corrêa Henning, que fez uma leitura bastante dedicada e atenciosa desta dissertação. Suas considerações foram muito pertinentes e me colocaram para pensar. Obrigada por ter aceitado gentilmente meu convite para compor a banca.

À professora Marinez Meneghello Passos, pelas críticas, sugestões e por sua sinceridade, não apenas na banca de qualificação, mas por todo o percurso do mestrado. Tive a sorte de me encontrar com você no caminho!

Aos colegas do Grupo de Estudos Culturais das Ciências e da Educação: Marcelo, Gustavo, Marlon, Paula, Luiza, Raisal, Angélica, Cristiane, João e Roberson. Por proporcionarem momentos de discussão e troca de experiências que foram essenciais para o melhor desenvolvimento desta pesquisa. Muito obrigada pelas dicas, críticas e pelo acolhimento no grupo pessoal!

A todos os amigos de caminhada, com os quais tive o prazer de estudar pelo primeiro ano do mestrado, em especial a Thaíse, Cleder, João, Camila, Regininha, Paula, Lilian e Nayara, com os quais dividi os momentos de angústia, mas também de muitas risadas. Grata pelos momentos!

A CAPES, pela bolsa de estudo, o apoio financeiro foi imprescindível para que esta pesquisa se concretizasse. Também gostaria de agradecer ao Programa de

Pós-Graduação em Ensino de Ciência e Educação Matemática da Universidade Estadual de Londrina, a todos os professores e funcionários que batalham diariamente para manter a ótima qualidade do curso.

Um agradecimento especial à minha amiga Natasha Rodrigues por sua solidariedade, apoio e incentivo. Sem sua ajuda eu não poderia me tornar uma Mestra.

E a todos aqueles que de alguma forma estiveram presentes na minha vida durante o período do mestrado, fazendo minha vida mais feliz e mais leve.

Obrigada meu Deus por sempre atender minhas orações.

*Para chegar a lugares
onde ainda não estivemos,
é preciso ousar passar por
caminhos que ainda
não trilhamos.*

Mahatma Gandhi

CASTRO, Bruna Jamila de. **Representações modernas de natureza nas histórias em quadrinhos do Papa-Capim**. 2013. 86f. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências e Educação Matemática) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2013.

RESUMO

Pela perspectiva dos Estudos Culturais, toma-se Educação Ambiental como uma atividade discursiva que se propõe capaz de modificar atitudes, reformular conceitos e principalmente formar uma consciência ecológica. Corriqueiramente nos deparamos com inúmeras instâncias com intencionalidades conscientizadoras que almejam produzir e fazer-se representantes de um tipo particular de natureza: o mundo da ordem biológica, algo autônomo e independente do mundo cultural humano, que deve ser protegido. E com isso cada um de nós é interpelado a promover o “ecologicamente correto”, sendo convocados a transformar nossa maneira de ser. Partindo da ideia, advinda das teorias culturais, de que nos constituímos como sujeitos na e sobre a cultura, por meio da interação estabelecemos com as produções, as instituições e as práticas culturais, pareceu-me relevante e provocativo analisar um produto cultural que faz parte da vida de inúmeras crianças, adolescentes e adultos, algo que geralmente é visto como inocente e desprezioso: as Histórias em Quadrinhos (HQs) do Papa-Capim – da Mauricio de Sousa Produções. A presente investigação objetiva analisar as representações modernas de natureza presentes nas HQs do Papa-Capim, a fim de descrever e problematizar os significados, que a partir do meu olhar e de meus referenciais, estão sendo colocados em prática neste contexto de produção cultural de natureza. Do ponto de vista teórico-metodológico, a descrição apresentada tem fortes influências das perspectivas críticas das vertentes pós-estruturalistas, em especial as críticas à modernidade do filósofo Bruno Latour. O argumento central dessa dissertação é que amalgamado à aparência de entretenimento das HQs, há explícita tentativa de manter, de pôr em funcionamento, uma pedagogia ambiental, que ensina valores modernos, mantendo a ideia de uma transcendência da natureza-objeto, um tipo de discurso ambiental também amplamente conservador e colonialista. Por fim, alego que o discurso ambiental das HQs não simplesmente fala sobre a natureza, mas, antes, a constitui como uma forma específica e interessada de natureza. Defendo, portanto, que as HQs do Papa-Capim são uma das formas contemporâneas de produzir, de ensinar culturalmente, o que se entende por natureza.

Palavras-chave: Representações de natureza. Modernidade. Latour. Estudos Culturais. Pedagogia Cultural.

CASTRO, Bruna Jamila de. **Modern representations of nature in the comics of the Papa-Capim**. 2013. 86f. Dissertation (Master's Degree in Science and Mathematics Education) – State University of Londrina, Londrina, 2013.

ABSTRACT

From the perspective of Cultural Studies, Environmental Education becomes as a discursive activity that is proposed able to change attitudes, especially reformulate concepts and form an ecological conscience. Over the period of a day we can find numerous instances with conscientizing intentionality that want to produce and to be represented by a particular type of nature: the world of biological order, autonomous and independent of human cultural world, that must be protected. And with that each of us is challenged to promote "environmentally friendly", being called to transform our way of being. Starting from this idea, arisen from our cultural studies, we have learned to see the world from the a cultural perspective, and that there are established ways of understanding and interpreting the social world, in which we constitute ourselves as subjects, in practices and in productions and the cultural institutions with which we interact, it seems to me relevant and provocative to analyze a cultural product that is part of the lives of countless children, adolescents and adults and which is generally seen as innocent and unassuming: the Comics Papa-Capim, from Mauricio de Sousa Productions. The present investigation aims to analyze modern representations of nature present in the comics, in order to describe and discuss the meanings, that from my look and my references, are being put into practice in the context of cultural production. From a theoretical-methodological perspective, the description has strong influences from the critical perspectives of post-structuralist strands, in particular the criticisms of modernity philosopher Bruno Latour. The central argument of this dissertation is that amalgamated the appearance of comic entertainment, there are explicit attempt to maintain, to put into operation, an environmental pedagogy that teaches modern values, keeping the idea of a transcendent nature-object, a kind of environmental speech also largely conservative and colonialis. Finally, I claim that the environmental discourse of comics not just talking about nature, but, rather, constituted as a specific nature and interested way. I argue, there fore, that the Papa-Capim Comics are one of the contemporary ways of producing, teaching culturally what is meant by nature.

Key words: Nature Representation. Modernity. Latour. Cultural Studies. Cultural Pedagogy.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

- Figura 1** – Papa-Capim e Cafuné expulsando o caiçara ou: os meios modernos de produzir a realidade sobre quem e o que devem ou não pertencer ao quadro da natureza44
- Figura 2** – Papa-Capim cuidando dos animais48
- Figura 3** – Papa-Capim e Cafuné inventando dois mundos. A sujeira do mundo exterior deve ser limpa pelas ferramentas do mundo exterior51
- Figura 4** – Os estranhos caminhos para a verdadeira natureza da vida. Furtado sendo intimado pelo chefe a ir para as selvas brasileiras54
- Figura 5** – Receber bem o estranho, desde que seja para renomeá-lo e mudá-lo...55
- Figura 6** – O caiçara (re)educado e reintegrado à natureza57
- Figura 7** – Papa-Capim iniciando sua reintegração, por baixo e pela esquerda o quadro harmonioso e soberano da diversidade natural59
- Figura 8** – Papa-Capim e Jurema celebrando a moral do sábio ambientalista.....60

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	11
1 AS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS	16
1.1 Entretenimento Inocente ou Pedagogia Potente?.....	16
2 AS PERSPECTIVAS TEÓRICAS QUE ME AUXILIARAM NA TRAJETÓRIA DA PESQUISA.....	20
2.1 Sob a Influência do Pós-Estruturalismo, em Direção aos Processos de Significação...20	
2.2 A Crítica de Bruno Latour à Modernidade e a Ideia de Natureza	25
2.3 Os Estudos Culturais e a Educação Ambiental	31
3 A METODOLOGIA	35
3.1 O Percurso da Pesquisa.....	35
4 ANALISANDO AS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS DO PAPA-CAPIM	41
4.1 Representações Modernas de Natureza.....	41
4.1.1 Papa-Capim em: a Verdade Ecológica.....	43
4.1.2 Papa-Capim em: a Proteção da Natureza.....	46
4.1.3 Papa-Capim em: a Crise Ambiental.....	50
4.1.4 Papa-Capim em: a Natureza é um Paraíso	54
4.1.5 Papa-Capim em: a Natureza da Moral e a Moral da Natureza	58
4.2 A Mauricio de Sousa Produções e seu “Comprometimento” com a Natureza	63
5 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	67
REFERÊNCIAS.....	72
APÊNDICES	85
APÊNDICE A	86

APRESENTAÇÃO

Ao longo de um dia nos deparamos com inúmeras instâncias que querem fazer-se representantes de um tipo particular de natureza. Não estamos acostumados a nos deter nos significados que essas produzem e reproduzem no processo de constituição do que entendemos por esse conhecimento, na maioria das vezes simplesmente assumimos estas representações, dificilmente enxergando-as como textos implicados em relações sociais, influenciados por diferentes opiniões e atuantes na construção de subjetividades e identidades. Não é preciso fazer uma inspeção muito detida para notar, por exemplo, que estes diversos espaços insistem em tratar a natureza como um objeto, o qual se pode mobilizar, desvendar, um *lócus* a ser preservado: a notícia de um telejornal que aborda a campanha de uma organização não governamental contra a caça de baleias; uma publicidade destacando o caráter virtuoso de uma empresa ecologicamente correta; uma reportagem de revista acerca das consequências de um derramamento de óleo em um rio; um livro didático que aborda a reciclagem; um desenho animado que versa sobre proteção do meio ambiente e tantas outras instâncias e assuntos que instituem a natureza como entidade antiga e digna da preocupação coletiva.

É a percepção dessa, digamos, importante vontade de preocupação coletiva que se avoluma em nosso tempo enquanto cultura dispersa e cada vez mais intensamente debatida fora dos lugares da *expertise* que antes o detinham, produzindo variegados processos de representações culturais, que determina minha motivação para este estudo. Concordo com Bujes (2002, p.14) quando ela diz que uma pesquisa surge de questões “das quais passamos a duvidar, com desconfortos mais ou menos profundos em relação a crenças que, em algum momento, julgamos inabaláveis”. Posso dizer, nesse sentido, que esta pesquisa surgiu a partir de minha recente insatisfação/desconforto quanto às representações de natureza na atualidade.

Esculpida pouco a pouco pela ecologia política para tornar-se a “pedra de toque” capaz de distinguir os verdadeiros homens de virtude, plenamente racionais e engajados, dos fracos crentes subsumidos no “fetiche da liberdade para o consumo” – como diz Bauman (1998). A versão domesticada de natureza é duplamente

problemática. Primeiramente porque mesmo que seja matéria de debates, se consolida cada vez mais como o tácito chão firme de onde se constrói todo o resto. Em segundo lugar, por ser uma forma de estratégia pedagógica: faz-se penetrar na vida pública mais do que uma preocupação com preservação, mas como uma forma de lacuna, de falta coletiva, que precisa ser preenchida com doses extras de bom senso, consciência ambiental e prudência, fazendo proliferar os mais diversos meios e estratégias de inventar lacunas e em seguida propor as formas de preenchimento e ajustes.

De maneira exemplar, Bauman (1998) alega que a ordem, a limpeza, a consciência não são naturais. Devem ser ensinadas. Posta assim a questão, é de se dizer que os sujeitos modernos da ordem devem ser produzidos e fiscalizados por uma espécie generalizada de normas pedagógicas – a educação ambiental (EA) é uma delas.

A EA vem cada vez mais ganhando destaque em nossa vida cotidiana, cada um de nós é interpelado a promover o desenvolvimento sustentável, a plantar árvores, a fazer uso de fontes de energia renováveis, a reciclar o lixo, a utilizar sacolas retornáveis, a economizar água etc. Seja em ações políticas, econômicas e/ou sociais, tem-se aumentado exponencialmente a atenção para as questões ambientais. Cada vez mais há esforços para pôr em funcionamento uma pedagogia ambiental. É nesse cenário, defende o filósofo Bruno Latour (1994), que os especialistas – pedagogos, engenheiros, professores, políticos, biólogos, marqueteiros – buscam introduzir filtros disciplinares, regulamentações e prescrições que mantenham a moral, a ordem e a virtude do que se pode chamar de homem moderno: essa invenção da tradição humanista para um sujeito centrado, unificado e homogêneo.

Nossa representação de homem moderno, ao menos aquela herdada do humanismo, quer nos fazer crer que existe um núcleo essencial de subjetividade que pode ser pedagogicamente manipulado para fazer surgir o sujeito que vê a si próprio e a sociedade de forma transparente, adquirindo, no processo, a capacidade de contribuir para transformá-la (SILVA, 2000). É neste ponto que “as pretensiosas verdades soberanas anunciadas no discurso epistemológico da Modernidade invadem e instalam-se em nossas vidas, fixando e hierarquizando saberes que produzem nossas práticas discursivas diárias” (HENNING, 2007, p.172).

Esse panorama, somado às discussões levantadas no GECCE¹ acerca da produção cultural das ciências, tem me convidado a prestar a atenção em “como” as mais diversas instâncias estão nos “ensinando”² ambientalmente e muitas vezes enaltecendo uma ideia moderna de natureza, baseada na cisão entre natureza e cultura, na distinção entre sujeito e objeto, na autonomia da razão, na ética utilitarista e na visão antropocêntrica.

Nesta dissertação, em especial, atentei-me em como isso ocorre em Histórias em Quadrinhos (HQs) da Mauricio de Sousa Produções Ltda. (MSP), empresa que nos últimos anos tem tido uma ótima aceitação no mercado. Seus principais títulos, as HQs da Mônica, Cebolinha, Magali, Cascão e Chico Bento, possuem uma tiragem de cerca de 200 a 300 mil exemplares ao mês, sendo que as HQs da Turma da Mônica Jovem atingem até 600 mil exemplares (SOUSA, 2010). Portanto, revistinhas amplamente consumidas, que contribuem – como veremos mais detalhadamente ao longo desta dissertação – intencionalmente para a produção de valores e habilidades tidos como “adequados”³ pela nossa sociedade, almejando ensinar às pessoas o que é certo e o que não é, exercendo uma “ecoalfabetização”, como afirmam Sampaio e Wortmann (2007).

Dentro do universo dos quadrinhos da MSP, optei por analisar edições da HQ do Papa-Capim, uma publicação secundária, que se encontra geralmente impressa em algumas páginas da HQ do Chico Bento. O motivo que me levou a

¹ Refiro-me ao grupo de estudo do qual sou integrante, o Grupo de Estudos Culturais das Ciências e da Educação (GECCE), vinculado ao Programa de Pós-graduação em Ensino de Ciências e Educação Matemática da Universidade Estadual de Londrina (UEL), Paraná, Brasil.

² Tomo “ensinar” nesta dissertação da maneira como esta palavra é concebida pelos estudiosos dos Estudos Culturais da Educação, como algo que está envolvido – em conexão com relações de poder – no processo cultural de transmissão de atitudes e valores, que fabricam identidades e representações. Ensino assume, portanto, um caráter intermediário e periférico que busca superar a redução do ensino aos objetivos, aprendizagem, avaliação etc. que aprisionam os saberes à experiência do mundo escolar. Para mim, a realidade ambiental que pauta a natureza das coisas desloca-se por uma ampla rede que ensina, que recruta, que põe a funcionar um sistema de significados que são intersubjetivamente construídos enquanto cultura para fazer sentir os que não se ajustam, como estrangeiros, como de fora. Em outros termos, ensinar toma caráter amplo, mas sempre traz em seu bojo de inclusão a potência da criação do estranho.

³ Nesta dissertação uso as aspas dentro do texto como um meio de suspender o sentido da palavra, quanto utilizo “adequado”, por exemplo, quero remeter ao leitor que este é o adequado de um grupo de pessoas e como tal não é a verdade – a única e soberana. Deste modo não deve ser tomada como algo fixo e universal. O mesmo ocorre com outras palavras ao longo do escrito, como verdadeiro, correto, natureza etc. Também utilizei as aspas como recurso para *conter* os termos coloquiais, infelizmente a rigidez da acadêmica ainda não permite que façamos uso de termos do cotidiano para expressar nossas ideias. Apesar desta barreira já estar sendo derrubada pelos Estudos Culturais, que não faz distinção entre alta e baixa cultura.

escolhê-la foi a constatação – como consumidora dessa HQ – de que seus enredos querem explorar ao máximo a temática natureza.

Inicialmente, chamou-me a atenção o ambiente em que se passam as histórias, que, sem exceção, ocorrem no que usualmente se configura como “cenário natural” – uma floresta. As cenas das histórias, que têm como núcleo central o cotidiano indígena, ocorrem nos entornos da aldeia, que se localiza em uma clareira em meio à floresta amazônica, onde há uma rica fauna e flora, além de uma hidrografia privilegiada. Na aldeia, os índios moram em ocas e retiram da mata tudo o que precisam para sua sobrevivência; nesse sentido, a vida indígena insistentemente é apresentada como perfeitamente integrada à natureza.

Outro ponto essencial para a escolha foram os personagens. O protagonista das HQs é o índio Papa-Capim, um menino corajoso e extremamente comprometido com a proteção do meio onde vive. Pode-se dizer que ele “incorpora qualidades que seriam desejáveis encontrar em sujeitos ‘ecologicamente corretos’ – atenção, interesse, cuidado e operatividade vigilante diante do ambiente natural” (WORTMANN; RIPOLL; POSSAMAI, 2012, p.378, grifo das autoras). Outro personagem também importante⁴, pode-se dizer o coadjuvante, é Cafuné, o melhor amigo do Papa-Capim, um índio medroso, trapalhão, que nem sempre tem atitudes “corretas”, mas que está disposto a aprender com seus erros e a seguir os passos do amigo.

Não menos importante, mostrou-se interessante o ideal ambientalista dessa HQ. Papa-Capim e seus amigos assumem constantemente o papel de militantes ecológicos, que se valem de um tom de denúncia para acusar, via de regra, o homem branco de poluir, caçar, maltratar e explorar a natureza. O grande artifício dessas HQs é retratar os homens brancos como malvados e ardilosos, com isso podem ensinar aos leitores os modos “bons” e os “ruins” de se relacionar com a

⁴ Cabe marcar que essas HQs contam ainda com outras personagens importantes, as quais aparecem com constância nas histórias: Jurema e Potira, indiazinhas que Papa-Capim vive a galantear; o Pajé, curandeiro da tribo, um velho índio ancião que costuma ser mais sábio que os outros de sua aldeia, sempre pronto a dar conselhos sábios para Papa-Capim e Cafuné e salvar os índios das enfermidades; Cacique Ubiraci, o cacique da tribo, herói, forte e guerreiro, que lidera a aldeia; e a Mãe do Papa-Capim, assumindo a representação de cuidadora, passa o dia cozinhando e fabricando redes e potes. Podem aparecer ocasionalmente também outros personagens de etnia indígena, entretanto, eles assumem uma posição de figurantes nas histórias. Por ora, não me deterei nesses personagens, pois nas edições selecionadas para a análise nesta pesquisa participam com destaque apenas Papa-Capim e Cafuné.

natureza. Deste modo, mostra-se um importante veículo de produção/reprodução de valores ambientais.

Depois dessas noções preliminares é oportuno dizer que meu objetivo com a dissertação é analisar as representações modernas de natureza presentes nas HQs do Papa-Capim, portanto, se trata de descrever e problematizar os significados, que a partir do meu olhar e de meus referenciais, estão sendo colocados em prática neste contexto de produção cultural de natureza. Para tanto, é necessário assinalar como as histórias engendram uma pedagogia, como elas são produções culturais potentes que vêm ensinando modos de vida “ecologicamente corretos”.

Como não se caminha só, conto com a ajuda das teorizações dos Estudos Culturais em suas vertentes pós-estruturalistas e dos Estudos das Ciências, em especial as críticas à modernidade do filósofo Bruno Latour. Convém ressaltar que entre os argumentos que defendo nesta pesquisa estão os que implicam a aceitação da noção de que aprendemos a ver o mundo a partir da cultura, e que é nesta que se estabelecem as formas de compreensão e de interpretação do mundo social. Como ressalta Wortmann (2010), nos constituímos como sujeitos nas práticas, nas produções e nas instituições culturais com as quais interagimos ao longo de nossas vidas.

Em consonância com o acatado anteriormente, este escrito se divide em cinco partes. No capítulo 1, abordo por que se faz interessante e importante analisar histórias em quadrinhos, explicando mais pormenorizadamente as motivações que me levaram a escolher HQs como objeto de estudo. No capítulo 2, procedo à apresentação das abordagens teóricas que me ajudaram a questionar os ensinamentos tidos como “verdadeiros” acerca de natureza nas Histórias em quadrinhos do Papa-Capim. Mais adiante, no capítulo 3, discorro em forma de narrativa a busca pela apreensão da complexidade do objeto, ou seja, o percurso metodológico, os procedimentos de que me vali para a investigação das histórias do Papa-Capim. Posteriormente, no capítulo 4, exponho a análise, a partir da descrição e discussão/problematização das histórias e, por fim, no capítulo 5, trago algumas considerações acerca dos resultados obtidos com a pesquisa.

1 AS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS

1.1 Entretenimento Inocente ou Pedagogia Potente?

As HQs, em especial as pertencentes à Mauricio de Sousa Produções Ltda. (MSP), como é o caso desta pesquisa, são tomadas como amplamente aceitas por seus consumidores como uma fonte de diversão. Os desenhos e os personagens apresentados com traços simples e minimalistas e o abuso da metalinguagem conferem às HQs uma ideia de leveza e de simples entretenimento. Entretanto, ao observar um pouco mais atentamente essas instâncias, percebo que muito mais que entreter, esses produtos culturais intencionam ensinar sobre diversos assuntos, tendo motivações intimamente relacionadas ao contexto mercadológico.

A MSP lidera o mercado brasileiro de HQs, sendo detentora de uma fatia de 86% do mercado (LIMA, 2011). Ao longo de suas décadas de existência, a empresa teria colocado em circulação uma tiragem de cerca de um bilhão de HQs – somando Brasil e exterior –, tendo revistas publicadas em 120 países. Essas informações nos dão um panorama da amplitude de circulação desses produtos culturais e do número altíssimo de pessoas que consomem essas histórias que são destinadas especialmente ao público infante-juvenil.

O motivo do sucesso das HQs, segundo seu criador, o desenhista/cartunista Mauricio de Sousa, seria a qualidade dos produtos que, além de entreterem, deixam uma mensagem para as crianças, contribuindo para uma boa formação:

[...] **tudo o que ponho no papel está conduzido de forma a não ferir suscetibilidades, a agradar, a propor uma (sic) positiva, otimista, a deixar uma marca, uma mensagem...** É como estar falando e contando uma história para um filho, e para os filhos temos que **contar verdades e passar exemplos**. Coisas que há de sobra na nossa obra ficcional. [...] a criança necessita de conhecer realidades diferentes para sua boa formação de caráter. Porque a vida é assim e a criança, pelos exemplos, pela observação, pela sua própria experiência, vai escolher o caminho que menos dói e que mais vai contribuir para sua formação e crescimento (SOUSA, 2006, p.163, grifo meu).

Nota-se por meio dos grifos as intencionalidades de ensinar – exemplos de valores e atitudes “corretas”, necessários a um sadio desenvolvimento infantil. As HQs seriam, portanto, meios de comunicação que exercem uma pedagogia. Quando afirmo que elas exercem uma “pedagogia” quero deslocar-me dos sentidos dos modelos liberais: dos saberes organizados, objetivos e científicos, que conferem forte sistema de enquadramento e classificação do que é legítimo ou ilegítimo ser abordado. Ao assumir o caráter mercadológico explicitamente ativo nas HQs, tornou-se evidente para mim que a pedagogia – que tradicionalmente remete o grego antigo *paidagogía*, composto por “*paidos*”, que significa criança, e “*gogía*”, que remete ao termo conduzir, ou seja, conduzir/direcionar as crianças ao saber “adequado” – está inextricavelmente articulado não somente às questões de poder das classificações, sejam elas escolares ou não, mas também às questões de controle, ou seja, às formas de transmissão, ao enquadramento no tempo e no espaço das necessidades do mundo vivido. Valem-se inclusive de temas do currículo escolar – conteúdos já reconhecidos em nossa sociedade como necessários e relevantes – por exemplo. Em outra entrevista concedida por Mauricio de Sousa, pode-se observar essa pedagogização das HQs:

Tenho a preocupação de colocar alguma coisa do currículo escolar nas histórias, mas não posso por(sic) uma lição. Não pode haver uma Turma da Mônica professoral. Aqui no Instituto Cultural nós temos uma pedagoga [...], que conhece tudo do currículo. Ela me ajuda com os temas que estão em evidência e eu converso com nossos roteiristas. ‘Vamos fazer uma historinha no meio de uma história. **Escreva uma aventura, uma viagem a Marte ou qualquer coisa assim e põe no meio alguma coisa ecológica, uma preocupação com o meio ambiente, uma interação entre os povos.**’[...] A nossa produção é permeada por informações que são usadas na escola. [...] Enfim, você pode colocar, tranquilamente, formação, informação e ética nas histórias em quadrinhos sem que ninguém perceba (SOUSA, 2010, p.7, grifo meu).

Nesse sentido, tal como a escola, a MSP exerce o controle sobre as condições de produção de conhecimento, mas certamente de modo mais eficiente e interessante que esta, visto que penetram em diversas áreas da vida cotidiana e de forma alegre e dinâmica (GIROUX, 2009). E é aí que “mora o perigo”, pois, por terem impregnadas em sua imagem a inocência e a bondade, seus discursos são aceitos como legítimos e idôneos, e, portanto, inquestionáveis. Como diz Latour (2000, p.218), “todos adotam as afirmações ou os protótipos das mãos de contentores bem-sucedidos”, ou seja, julga-se que por se tratar de uma empresa

reconhecida nacional e internacionalmente por prezar pelos bons valores morais⁵ as lições trazidas em suas HQs estão acima de qualquer dúvida e podem ser incorporadas pelos sujeitos tranquilamente.

Contudo, cabe atentar que esses ensinamentos, tidos como “exemplo” de condutas, excluem os discursos que não se enquadram em suas regras, ou seja, há um mecanismo de seleção, que lança para as periferias concepções culturalmente diferentes, legitimando o que é considerado adequado em um determinado espaço-tempo para um grupo de pessoas. Assim, ao deixarem sua marca, ao passarem sua mensagem “de bons valores”, essas HQs estão disseminando e validando uma concepção de mundo, empregando uma normalização da cultura, lançando um padrão a ser alcançado por seus leitores.

Problematizar essa dimensão formativa dos meios de comunicação, apontando os efeitos que estes exercem na política cultural, que “ultrapassam e/ou produzem as barreiras de classe, gênero sexual, modo de vida, etnia e tantas outras” (COSTA, SILVEIRA e SOMMER, 2003, p.57) desponta como uma prática relevante. O conceito de “pedagogia cultural”, cunhado por Giroux e McLaren (1995), pode ajudar nesta tarefa, pois ele amplia a visão acerca dos aspectos envolvidos no processo educativo, considerando que qualquer espaço, incluindo a escola, mas não se limitando a ela, pode exercer uma pedagogia, pode ensinar algo a alguém. Essa ideia tem sido corroborada por muitos trabalhos na área de pesquisa dos Estudos Culturais em Educação no Brasil⁶, os quais têm exposto que os significados do mundo também são constituídos em diversas instâncias fora da escola – programas de TV, filmes, jornais, revistas, brinquedos, propagandas, desenhos animados, *videogames*, livros, esportes etc.– e que esses circulam por meio de diferentes processos e práticas como condições constitutivas da cultura, demonstrando, como argumenta Martín-Barbero (1997), que os saberes circulam cada vez mais

⁵ A MSP tem ganhado diversos prêmios nacionais e internacionais graças à sua forma descontraída de ensinar “valores importantes” às crianças. Em 2007, a personagem Mônica foi nomeada “Embaixadora do UNICEF”, e na mesma cerimônia Mauricio de Sousa foi homenageado “Escritor para Crianças do UNICEF”. Em 2012, Mauricio recebeu do Departamento Geral de Ações Socioeducativas do Rio de Janeiro o prêmio de melhor cartunista socioeducativo. Para mais informações sobre o reconhecimento da MSP no Brasil e no mundo vide: <http://www.meujornal.com.br/cbm/mauricio/Default.aspx> (este site reúne as últimas novidades que circulam na internet acerca da empresa e seus produtos).

⁶ AMARAL, 1997; FISCHER, 1999; PILOTTO, 1999; BICCA, 2001; STRELOW-LIMA, 2001; DULAC, 2002; DAZZI, 2002; FERREIRA, 2002; KINDEL, 2003; MOMO, 2007, SILVEIRA, 2008; para citar alguns.

intensamente fora dos muros sagrados que antes o detinham, além de terem se afastado dos sujeitos que os administravam.

Os meios de comunicação, como pedagogias culturais sedutoras e evolutivas, estão no centro das discussões, pois produzem discursos que preenchem continuamente nossas vidas, ganhando cada vez mais espaço no cotidiano, condicionando desejos e percepções de modo quase imperceptível. Essas nos fornecendo modelos, exemplos do que significa ser homem, mulher, negro, criança, adulto, pobre, rico, “nós” e “eles”, viabilizando o material necessário para “ajudar” a modelar a visão prevalecente de mundo (KELLNER, 2001, p.9). Estaríamos assim presenciando um processo permanente de regulação de significados, valores e atitudes.

Neste sentido, mais do que simplesmente entretenimento, essas instâncias estabelecem as convenções que legitimam determinadas posições de sujeitos, influenciando o comportamento das pessoas de maneira crucial (GIROUX, 2003). Autores de vertentes mais críticas como Steinberg e Kincheloe (2001) chegam a afirmar que os meios de comunicação são os professores do novo milênio. E justamente por essa razão, esses e outros analistas culturais – já referenciados nesta seção, como Henry Giroux e Douglas Kellner – defendem a necessidade de a crítica educacional se estender também para esses espaços.

Em virtude dessas considerações, acredito ser um bom começo para esta pesquisa tomar as HQs do Papa-Capim como pedagogias culturais potentes, pois esse produto cultural “requisita” a mesma consideração crítica de outras instâncias exaustivamente pesquisadas no campo educacional, como, por exemplo, o livro didático, pois igualmente a esse artefato as HQs têm engendrado uma infinidade de conhecimentos como legítimos e de valores universalmente válidos. Como assinala Veiga-Neto (2003, p.119), pesquisas recentes no campo dos estudos das pedagogias culturais têm mostrado que certas mídias “trivializam o controle e, assim, nos ensinam novos padrões de normalidade, moralidade, estética e conduta”, ou seja, estes produtos da cultura vão “muito além de ser um simples passatempo, lazer ou diversão; ele funciona também como uma técnica de ensino-aprendizagem que nos bombardeia continuamente” (*Ibidem*).

2 AS PERSPECTIVAS TEÓRICAS QUE ME AUXILIARAM NA TRAJETÓRIA DA PESQUISA

2.1 Sob a Influência do Pós-Estruturalismo, em Direção aos Processos de Significação

Lao Tsé, um mítico filósofo chinês, em uma das versões do discurso de que caminhar é preciso, disse que “Uma grande jornada se inicia com um passo”. Ao ingressar no Programa de Pós-graduação em Ensino de Ciências e Educação Matemática, vinculando-me à linha de pesquisa dos Estudos Culturais das Ciências e da Educação, deparei-me com um campo de pesquisa inesperado, aberto a possibilidades e questionamentos não solicitados, que enfatizava a produtividade e a importância de se efetuarem deslocamentos e suspensões de “certezas”.

Lembro-me muito bem que ver as coisas – a Ciência⁷, por exemplo – como produções culturais me abalaram. Levei um ‘choque’!

Posso dizer, portanto, que o primeiro passo de minha jornada no mestrado foi tentar reestruturar meu modo de pensar, sair da minha ‘zona de conforto’ – para utilizar uma expressão bastante empregada por nós professores/pedagogos, advinda da psicologia da educação –, ou seja, sair da comodidade de minhas ações, pensamentos e comportamentos. Em outras palavras, precisei pôr em prova a minha formação inicial, as convicções positivistas⁸ advindas de minha graduação em Ciências Biológicas, de um mundo instituído em postulados verdadeiros e incontestáveis, e os conhecimentos bem acomodados de educação que foram se cristalizando ao longo de minha graduação em Pedagogia, para buscar operar uma ressignificação de minha identidade, desalojando-me da posição acrítica em que

⁷ Ao longo da dissertação utilizarei Ciência com ‘C’ maiúsculo, para me referir à ciência pronta e acabada, a ideia da ciência como a cultura legítima e consagrada para ajuizar as ações humanas em oposição à política, tal como faz Latour (1994; 2000; 2001; 2004). O autor define Ciência com “C” maiúsculo como “a politização das ciências pela epistemologia, a fim de tornar impotente a via política ordinária, fazendo pesar sobre ela a ameaça de uma natureza indiscutível” (LATOURE, 2004, p.26).

⁸ O Positivismo considera que o método científico é o único válido, logo, os conhecimentos que não foram alcançados por meio da ciência não são conhecimentos válidos.

estava, que não me causava medo, ansiedade ou risco, para me aventurar por um viés incerto, que me possibilitou outras formas de pensar – o pós-estruturalismo.

A tarefa não foi nada fácil, e ainda me causa estranhamento, mas certamente isso é uma vantagem, afinal, como argumenta Larrosa (2003), a formação não acontece de modo objetivo, com a culminação de algo em um estado final, mas sim pelas aventuras com que nos deparamos no caminho. Assim, a seguir, tento descrever de maneira um tanto 'breve' alguns princípios do pós-estruturalismo, breve porque o que farei é um resumo interessado de alguns aspectos dessa perspectiva teórica, que não visa explicar todo o movimento intelectual em suas inúmeras vertentes e teóricos, e sim apenas situar alguns elementos que passaram a me atravessar, uma rede de discursos que foram essenciais para a (re)construção da minha subjetividade e, conseqüentemente, para o desenvolvimento desta pesquisa.

O pós-estruturalismo pode ser concebido como um modo de pensar – uma resposta filosófica ao estruturalismo – que visa apontar certas inconsistências fundamentais nessa abordagem, como, por exemplo, sua preocupação em buscar um modelo capaz de explicar o maior número possível de aspectos de um fenômeno quanto à constituição interna, ao invés da sua relação com os objetos no mundo – os efeitos. Como expõe Lepargneur (1972, p.5), no estruturalismo “[...] trata-se sempre de descobrir, por trás das aparências, além da organização aparente do objeto, estruturas inteligíveis que expliquem certo funcionamento”. O desejo está sempre em eliminar tudo que é contingente e decompor o fenômeno em partes isoladas, pois “compreender para os estruturalistas significava classificar, organizar, comparar, ordenar os elementos colocando-os uns em relação aos outros” (FELIZOLA, 2000, p.21), pois ao fragmentar o objeto de estudo, pode-se ter ideias claras e distintas, o que em consequência permite entendê-lo com maior eficácia.

Os representantes do pós-estruturalismo não acreditam que há como identificar essas estruturas universais que seriam comuns a todas as culturas e à mente humana em geral. Os pós-estruturalistas rejeitam a ideia de que o conhecimento pode se apoiar em um número de crenças básicas, sendo contrários à noção de que se as estruturas forem encontradas nos fenômenos analisados serão possíveis justificações últimas e inabaláveis, apropriadas do ponto de vista científico por serem mais racionais.

Com inspiração nos escritos de Nietzsche, o pós-estruturalistas se constituíram incrédulos às metanarrativas, a qualquer pensamento com pretensões de fornecer explicações totalizantes do mundo e soluções libertadoras, logo, põe em dúvida o estruturalismo com seus significados transcendentais, seu modo metódico de tratar os fenômenos sociais e a sua pretensão científica – a fé no progresso e na capacidade transformativa do método científico de revelar verdades.

Os pós-estruturalistas negam “que um sistema de pensamento possa ter qualquer fundamentação lógica (em sua coerência interna, por exemplo). [...] não existe nenhuma fundação, de qualquer tipo que possa garantir a validade ou estabilidade de qualquer sistema de pensamento” (GUTTING, 1998, p.597, *apud* PETERS, 2000). Assim, colocam em ameaça essa suposta universalidade das verdades encontradas pelos estruturalistas. Tomaz Tadeu da Silva (2001, p.4) destaca algumas considerações que podem ser encontradas nos escritos de Nietzsche, acerca da verdade:

Não existe, de um lado, um reino das aparências, das coisas sensíveis e, de outro, um reino das essências, das coisas inteligíveis, que seria a verdadeira realidade. A única “realidade” é a das aparências. Não há nenhuma verdade a ser descoberta ou revelada porque a única verdade é aquela que nós criamos. A verdade é uma coisa deste mundo.

Nietzsche desenvolve um perspectivismo crítico sobre a epistemologia racionalista-positivista que caracteriza a modernidade, tomada de empréstimo pelos pós-estruturalistas. Para Nietzsche, não há “a” verdade, e sim somente a verdade de cada um, formando uma pluralidade de verdades, cada qual pertencendo a seu próprio espaço-tempo, ou seja, depende do contexto histórico de cada indivíduo (NIETZSCHE, 2008). Assim, ensinou aos pós-estruturalistas que em vez de buscar a verdade última – praticada pelo cientificismo – deve-se relativizar, problematizando os discursos instituídos como “a” verdade, mantendo um antirrealismo em termos de significado e de referência.

Acreditamos saber algo acerca das próprias coisas, quando falamos de árvores, cores, neves e flores, mas, com isso, nada possuímos senão metáforas das coisas, que não correspondem, em absoluto, às essencialidades originais (NIETZSCHE, 2008, p.143-144).

Dessa forma, rejeita-se a concepção de verdade como correspondência com a realidade, pois para Nietzsche não há uma realidade ‘fora’ do sujeito, o que há são

apenas interpretações – não existem fatos, somente interpretações que cada um produz acerca destes. “Tão certo como uma folha nunca é totalmente igual a outra, é certo ainda que o conceito de folha é formado por meio de uma arbitrária abstração dessas diferenças individuais [...]” (NIETZSCHE, 2008, p.144). Com isso, Nietzsche chama a atenção dos pós-estruturalistas para a ideia de que na linguagem o que vigora não é a estabilidade e/ou imobilidade do sentido, e que tampouco há uma estrutura invariável dotada de significação idêntica à realidade. A verdade seria somente

[...] um exercício móvel de metáforas, metonímias, antropomorfismos, numa palavra, uma soma de relações humanas que foram realçadas poética e retoricamente, transpostas e adornadas, e que, após uma longa utilização, parecem a um povo consolidadas, canônicas e obrigatórias: as verdades são ilusões das quais se esqueceu que elas assim são (NIETZSCHE, 2008, p.144).

Assumindo o olhar de Nietzsche, os pós-estruturalistas desejam, portanto, desconstruir a crença de que o verdadeiro significado estaria nas profundezas textuais, que o sujeito cognoscente poderia alcançar “a” verdade por meio do método estruturalista.

Quando alguém esconde algo detrás de um arbusto, volta a procurá-lo justamente lá onde o escondeu e além de tudo o encontra, não há muito do que se vangloriar nesse procurar e encontrar [...]. Se crio a definição de mamífero e, aí então, após inspecionar um camelo, declaro: veja, eis um mamífero, com isso, uma verdade decerto é trazida à plena luz, mas ela possui um valor limitado (NIETZSCHE, 2008, p.144).

O significado dos objetos, nesse sentido, não está nos objetos, e sim na construção linguística que os define, e o sentido dessa construção está nos “jogos de linguagem”⁹ que ocorrem no contexto. Os pós-estruturalistas mantêm o destaque dado pela perspectiva estruturalista aos processos linguísticos e discursivos, entretanto, deslocam a preocupação das estruturas e processos fixos e rígidos de significação. Seus praticantes não concordam com a suposta relação objetiva entre significante e significado, em que o jogo da linguagem é confinado a estruturas fechadas de oposição, vendo o significante e o significado como inseparáveis.

⁹ “Jogos de linguagem” é uma expressão de Wittgenstein, segundo Lyotard (1989, p.29). “Ele quer significar com este termo que cada uma das diversas categorias de enunciados deve poder ser determinada por regras que especifiquem as suas propriedades e o uso que delas se pode fazer, exatamente como o jogo de xadrez se define por um grupo de regras que determinam quer as propriedades das peças, quer a maneira conveniente de as deslocar [...]”.

Nessa perspectiva, “o significante é só um momento em um processo de significação infinito no qual o sentido é produzido” (BEST; KELLNER, 1991, p.20), marcando, portanto, “a produtividade dinâmica da linguagem, a instabilidade de sentido e o rompimento com os esquemas convencionais de sua representação” (BEST; KELLNER, 1991, p.21). Desse modo, o processo de significação é visto como algo indeterminado e instável (SILVA, 2000), isto é, algo que sofre “mutações” nas contingências do espaço-tempo.

Diante dessas considerações acerca da teoria pós-estruturalista, entende-se que essa abordagem tende a centrar-se menos na busca da verdade de um texto – em sentido amplo – e mais nos recursos retóricos pelos quais este institui seus efeitos.

Sob a influência desse referencial, tenho aprendido a duvidar da realidade que nos é dada como completamente esclarecida e desinteressada da (re)produção de sistemas de significação que buscam legitimar o que se deve tomar como a verdade e que legislam o que deve ser reconhecido como conhecimento correto. A desconfiança pós-estruturalista acerca dos processos rígidos de significação me deixou mais alerta aos efeitos de um mundo autêntico e verdadeiro, a uma forma acabada de natureza que perverte os instintos à razão.

O que começo a perceber é a vontade de dominar o animal de rapina que existe no ser humano, em prol dos ideais de um tipo nobre de homem. Conservar essa forma de homem manso, ordeiro, centrado e racional é a ficção, diz Latour (1994), em que está metido o homem moderno, que, forjado por essa cultura, sente-se no apogeu e inventa para si valores de reaproximação a uma natureza plena.

O homem moderno, atormentado pela ideia de não poder participar integralmente da vida, cria a ficção da conservação que passa a assumir como verdade. O ardil moderno, todo ele, estaria, portanto, nas formas instituídas de convencer a si próprio e às multidões a seguirem pelo já trilhado apelo à razão, à geometria, à proporção e à virtuosidade da educação aristocrática (LATOURE, 2001).

No caso da invenção da natureza, como em outras invenções que nasceram sob a égide cartesiana do “penso, logo existo”, o efeito mais catastrófico foi afastar a realidade, a natureza e a existência para longe ao torná-las somente alcançáveis por meio do pensamento racional. Mas o estrago está feito. A partir de Descartes, como

explica muito bem Latour (2001, p.16), exigem-se equipamentos de manutenção artificial da natureza e da vida para continuar viável. “Apenas uma mente extirpada, colocada na estranha posição de contemplar o mundo de claras fronteiras e de dentro para fora e ainda ligada ao exterior unicamente pela tênue conexão do olhar se agitará no medo constante de perder a realidade.” A natureza dos modernos, bem comportada e institucionalizada no cálculo e na razão, lida mal com a falta de clareza e de normas (anomia).

É nesse ponto que o ‘chão parece desabar sob os pés’.

2.2 A Crítica de Bruno Latour à Modernidade e a Ideia de Natureza

De forma dominante, em nossa sociedade representa-se “natureza” como algo exterior a nós, um objeto, um meio físico a ser investigado e dominado pelo homem. Essa conformação se deu, segundo Grün (2011), a partir dos séculos XV e XVI, período em que ocorreram profundas transformações sociais, econômicas e políticas no ocidente, que afetaram as regras de funcionamento do pensar. Surgem outros modos de interpretar as situações, com base principalmente no racionalismo, positivismo, cientificismo, individualismo e universalismo. Assim emerge um projeto com novas maneiras de ver o mundo social, que costuma ser entendido como modernidade.

Uma das principais reviravoltas no ideário social do período foi o mundo deixar de ser visto pela fé e passar a ser explicado pela ciência. Como destaca Henning (2007, p.167), houve “[...] a troca de ídolos: da Idade Média, onde a fé em Deus era a maior verdade, passa-se para um mundo onde ainda existe fé, porém a fé na ciência”. Como explica Veiga-Neto (2003), tenta-se afastar do estado por muitos chamado de bárbaro, selvagem e/ou primitivo e aproximar-se da vida civilizada, que almeja pela ordem.

As metanarrativas passam a estabelecer modelos explicativos universais para o mundo e, conseqüentemente, revelar “a” verdade. Um exemplo de metanarrativa, grande propagadora destes ideais, é a filosofia iluminista. Por meio

da razão e seus produtos, acreditava-se que levaria o ser humano à felicidade, emancipando a humanidade dos dogmas, mitos e superstições, libertando a humanidade da ignorância e da irracionalidade da ordem anterior e, assim, o progresso do homem poderia ser infinito (LYOTARD, 1989). Os iluministas, como é o caso de Kant, admitiam que os seres humanos podiam tornar o mundo melhor mediante introspecção, livre exercício das capacidades humanas e engajamento político-social.

Quando a razão se impôs como método de conhecimento do mundo, a vontade divina deixou de dar significado ao agir humano e a Ciência passou a figurar como indispensável para a análise dos fenômenos naturais e sociais. “O entendimento de ciência nasce na Modernidade, como um conjunto de leis imutáveis, atuando em uma busca incessante pela descoberta da realidade” (HENNING, 2007, p.174). Em outras palavras, na busca de uma nova concepção do mundo, essencialmente racionalista e baseada na existência de leis naturais que regem a dinâmica do universo, acredita-se que existem significados a serem desvendados, que existe uma verdade que pode e deve ser cientificamente apreendida e compreendida, a fim de libertar o homem da escuridão e, assim, emancipá-lo da selvageria da ordem anterior (LATOUR, 2004). Cumpre observar que essa objetividade tornou-se requisito fundamental para os modernos, que legitimaram a Ciência como “o” saber sistemático e verdadeiro: “Com seu valor universal e absoluto, agora é o saber da ciência que diz o que conta e o que não conta como verdade neste espaço e tempo no mundo inteiro” (HENNING, 2007, p.167).

É preciso insistir no fato de que a Ciência ganhou este estatuto privilegiado por ser considerada a única força moral na condição de estar desvinculada das relações e poder da sociedade, que poderia fornecer princípios para o funcionamento da sociedade (LATOUR, 2001). Parte-se “do pressuposto de que para que a atividade científica não traia e apenas transmita, ela deve manter distância da sociedade, de seus preconceitos, noções vagas, mas também do mecanismo que rege as relações dos homens entre si – do poder” (PIMENTEL, 2003, p.82). Somente desta maneira a ciência poderia doar princípios/regras objetivas para a conduta dos indivíduos.

Acrescenta-se a isso a redução da subjetividade humana a seus aspectos racionais, separando corpo e mente (cartesianismo). A consciência – concebida como capacidade do ser humano de apreender o mundo e a si próprio (autorreflexividade) – passa a estar no centro dos sistemas filosóficos da modernidade e a ser o marco diferenciador entre a cultura ocidental e as demais culturas. É o próprio sujeito quem passa a dar significado à sua existência. O próprio indivíduo é responsável pelo progresso ou decadência (CRUZ, 2011). O sujeito central do conhecimento é visto como puro e livre de subjetividade, ele não pode confundir o subjetivo com o factual, destituído de valor e finalidade. A racionalidade é compreendida como “capacidade de separar o que pertence ao sujeito daquilo que integra o objeto” (PIMENTEL, 2003, p.87). Posto assim, somente o homem seria capaz de experimentar sua inserção temporal, e modificá-la, enquanto o que não é humano é subjugado.

Em virtude dessas considerações pode-se dizer que se estabeleceu com esse novo regime de pensamento, conforme explica Latour (1994), uma ruptura entre a natureza e o social, um afastamento entre nós e o resto do mundo, ficando toda a lógica de se pensar as ciências voltada à necessidade de operar essa distinção, ou seja, a natureza passa a operar como ferramenta para se conseguir certos valores, sustentar certas ideologias.

Essa ruptura foi marcada pelos princípios apresentados por Galileu, Kant e Newton, mas especialmente pelas teorizações dos cientistas/filósofos Bacon e Descartes. Bacon acreditava que o homem deveria ser o senhor do seu destino, e isso implicava que ele fosse o mestre e o senhor de todas as coisas do mundo; com seu método dedutivo, o antropocentrismo passou a integrar o cerne da ciência, dando à natureza um caráter de simples objeto de investigação, um valor puramente utilitário. Já Descartes, com a ideia de reformar o corpo das ciências por meio da luz natural da razão, fundou uma racionalidade metodológica, em que a natureza passou a ser encarada como uma máquina, e o papel do homem seria o de desvendar os segredos dessa máquina para compreendê-la e assim manipulá-la da maneira que melhor lhe conviesse; em outras palavras, existe um ser humano que pensa e uma coisa que é pensada. O sujeito é autônomo, independente do resto do mundo – que existe exclusivamente em função deste (GRÜN, 2011).

Os esforços modernos, portanto, estariam baseados na crença da transcendência da natureza, ou seja, existe uma natureza fora de nós, que não conta nem com nossas paixões nem com nosso desejo, os homens não a constroem, apenas desvendam seus segredos. Já a sociedade, esta seria imanente, os homens a constroem e têm domínio total sobre ela (LATOURE, 2004). Por tais motivos a racionalidade tem sido tomada como sinônimo de saber separar fatos e valores, “isto é, de respeitar a imanência da sociedade e a transcendência da natureza, como consequência, qualquer mistura, ou erro de atribuições entre estas esferas, tornou-se motivo para o imediato despertar da atividade crítica” (PIMENTEL, 2003, p.31). Assim, sempre que se confunde a “objetividade dos fatos científicos com leis sociais, os modernos de modo inclemente desqualificavam os agentes de tais misturas” (*Ibidem*). Exclui-se tudo o que não é considerado científico, pois expulsar o senso comum garante a possibilidade de uma descrição objetiva da natureza (GRÜN, 2011).

Resumindo, o homem como o ser cognoscente, dotado de racionalidade, passa a analisar o universo para descobrir as leis que regem os fenômenos naturais. Cria-se, então, a objetivação do mundo natural. Como argumenta Mauro Grün (2011, p.41): “[...] objetiva-se a natureza para garantir a objetividade do conhecimento”. Ou seja, no mundo dicotomizado moderno o ser humano é visto como o único passível de, através da razão, coordenar e ordenar o mundo natural (KESSELRING, 2000; LARRÈRE, 2003; BATISTELA e BONETI, 2008; GONÇALVES, 2008; TAVOLARO, 2008).

A razão e a certeza “natural” são, portanto, próteses que impulsionam o indivíduo moderno a assumir para si o controle absoluto, ir em frente e tentar a sorte na busca compulsiva da certeza. Quando se tem que decidir entre o que é racional ou não, nadar ou afundar, se instala a desesperada busca por soluções fortes o suficiente para eliminar da consciência a dúvida. O que quer que assuma essa condição de responsabilidade pela certeza racional torna-se bem-vinda (LATOURE, 1994). Daí a compulsão pela matemática, ordenação, taxionomias e toda sorte de regras, equipamentos de alta tecnologia e macetes que facilitem convencer os outros da vanguarda de suas intenções.

A ideia de natureza é, portanto, um conceito resultado de uma estratégia política de organização da coletividade, uma invenção do homem moderno, o pilar

por meio do qual se ergueu a cultura ocidental (LATOUR, 1994; 2004), uma noção que depois de produzida foi sendo fortalecida por sua repetição até que em um dado momento passou a ser concebida como algo espontâneo, imanente, como se tivesse existido desde sempre, tornando-se um senso comum, isto é, ao final do processo – somente após vários anos de tentativas e muitas controvérsias dirimidas – essa representação ganhou o *status* de “natural”¹⁰. Nesse sentido, pode-se dizer que a natureza sempre foi um receptáculo de significados à espera de ser racionalmente conhecida e ordenada a serviço de uma sociedade. Ela está sendo constantemente discutida e reformulada nos laboratórios científicos, nos espaços acadêmicos, nos espaços destinados ao entretenimento e tantas outras instâncias, contudo, há um esforço em produzi-la como algo extirpado do homem, o que pode ser apropriado e aprimorado por ele, uma realidade longínqua e dominada que supostamente não conta com nossa subjetividade ou interesses, apenas um artifício racionalmente utilizado pela sociedade/sujeito para explicar nossas crenças (LATOUR, 2004).

A esse exercício sobre o qual o homem moderno se empenha, de distinguir o que é domínio da natureza e o que é do domínio da sociedade (ação política humana) é denominado por Latour (1994) de prática de purificação. Ocorre que nessa tentativa de purificação do mundo acaba-se por produzir o seu inverso. Por meio do que Latour chama de práticas de mediação (ou tradução), produzimos constantemente híbridos, que são simultaneamente fatos naturais, econômicos, políticos, sociais, científicos, históricos e culturais.

Os híbridos são aquelas coisas para as quais não há “lugar certo” na ordem imposta pela modernidade – esta não é suficiente para acomodá-los –, e, como argumenta Bauman (1998, p.14), existem coisas que não se encaixam em nenhum dos lugares nos quais o modelo de pureza insistentemente tenta acomodá-las:

[...] estas são coisas móveis, coisas que não se cravarão no lugar que lhes é destinado, que trocam de lugar por sua livre vontade. A dificuldade com essas coisas é que elas cruzarão as fronteiras, convidadas ou não a isso. Elas controlam a sua própria localização, zombam, assim, dos esforços dos que procuram a pureza ‘para colocarem as coisas em seu lugar’ e, afinal, revelam a incurável fraqueza e instabilidade de todas as acomodações.

¹⁰ De acordo com Maria Lúcia Wortmann (2002), a naturalização de uma representação ocorre quando ela deixa de ser questionada e torna-se “verdade”, com isso ocorre o apagamento da compreensão de que ela é criada em um discurso culturalmente impregnado de valores.

Nesse sentido, a crítica de Latour (1994) é a de que “jamais fomos modernos”, pois o projeto moderno não teria se concretizado, visto que a obtenção da máxima purificação, por meio do estabelecimento de fronteiras claras entre o polo natural e o polo cultural, nunca se realizou. A modernidade, segundo o autor, não é uma realidade, mas uma interpretação da realidade na qual a busca pela purificação leva à hibridização. Para Latour a purificação – essa prática social ampla que materializa incessantemente a realidade em torno da qual os modernos interpretam o mundo – seria inconsistente, pois nada é tão simples, tão limpo, tão ordenado que possa ser encaixado em um ou outro domínio, pelo contrário, as coisas são confusas, desordenadas, com ligações e consequências imprevistas.

Nessa esteira, a natureza que se diz pura, na realidade está totalmente imbricada em uma rede de elementos heterogêneos. Quando tratamos de assuntos do que julgamos ser natureza, na verdade estamos tratando de uma mistura caótica de elementos – fatos de conhecimento científico, ações sociais, desejos, pressões econômicas, disputas políticas, entre outros jogos de interesses. Conforme Latour (2004), não nos é possível purificar essas alianças, colocando de um lado o essencialmente humano, subjetivo, e de outro o não humano, o essencialmente objetivo, pois elas são indissociáveis. A busca incessante e obsessiva da modernidade pela purificação tentou alocar tudo nos devidos lugares, de limpar, dismantelar, fragmentar, reduzir, mas tudo que ela fez foi fingir que não via os híbridos se multiplicarem. Em tempos contemporâneos, diz Bauman (2001), as coisas são escorregadiças e não se contêm facilmente nas fronteiras que lhes são impostas, elas transbordam, vazam.

Sem os vínculos diretos, diz Latour (2001), as leis naturais impessoais (natureza) e o poder de lutar contra a imoralidade, a desordem e a irracionalidade (razão), resta o perigoso declínio e a intemperança descontrolada da multidão. O pior que pode acontecer ao moderno “iluminado” pela razão é se flagrar fora dos contornos estáveis da racionalidade determinista. Longe da certeza absoluta, requerida pelo cérebro extirpado cartesiano, o moderno se vê sem as fronteiras seguras que lhes dão os meios de comunicação com o mundo. Sem as divisões, purificações, sobram ao moderno somente medo e dúvida.

A ciência moderna foi criada para lidar com a natureza em estado objetivo, mas na prática o que nos convoca para o debate político são objetos confusos,

subjetivos e imbricados em redes; deste modo, as questões ecológicas não poderiam, segundo Latour (2004), ser entendidas pela separação homem-natureza. Com efeito, isto pode ser detectado no campo de debate atual: poluição, aquecimento global, reciclagem, devastação das florestas, desenvolvimento urbano, produção de energia etc., são problemas que se instalam, sem pedir licença, em nossa vida, figurando como questões dotadas de capacidade de afetar o rumo de toda humanidade, empreendendo as mais diversas lutas políticas, mas que, no entanto, persistem repartindo opiniões e sem se chegar a um consenso. Isso ocorre porque as perplexidades que vivenciamos não são objetivas e neutras, mas os modernos continuam a apostar nisso para manter seu *status quo* (LATOURE, 2002).

Por tais considerações, penso ser necessário olharmos com desconfiança certos discursos da EA, pois ao criar e recriar a ideia de defesa da natureza, ao tentar reconciliar o ser humano e a natureza, devolver-nos a “fraternidade perdida”, mantém-se o discurso moderno funcionando, e assim “[...] nega a complexidade com a qual são constituídas as relações ecológicas, nas quais se pode buscar permutas de interesses capazes de mobilizar a EA, segundo múltiplos interesses” (OLIVEIRA, 2005, p.83).

2.3 Os Estudos Culturais e a Educação Ambiental

Como um campo de estudos comprometido com a realização de leituras e análises acerca da cultura¹¹, ou seja, preocupado com todas as formas e práticas sociais que organizam nossas vidas, os Estudos Culturais, sobretudo aqueles inspirados pelo pós-estruturalismo, têm-se mostrado férteis para pensar a sociedade contemporânea, inclusive o campo de saber da EA, onde vem mobilizando o pensamento para além de uma visão crítica hegemônica. Tendo em vista essa sua

¹¹ Como argumenta Stuart Hall (1997) em seu famoso artigo “A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo”, vivenciamos uma virada cultural, no sentido de que a cultura penetra em cada recanto da vida social contemporânea, mediando tudo, assim, “todas as práticas sociais, na medida em que sejam relevantes para o significado ou requeiram significado para funcionarem, têm uma dimensão cultural” (Ibidem, p.32). Segundo Johnson (1986 *apud* NELSON, TREICHLER e GROSSBERG, 2009, p.15), em Estudos Culturais, a cultura “é simultaneamente o terreno sobre o qual a análise se dá, o objeto de estudo e o local da crítica e intervenção política”.

produtividade, pretendo dar visibilidade nesta sessão a aspectos nem sempre abordados em pesquisas mais tradicionais da área de Ensino de Ciência¹², mas que são centrais para esta dissertação – na qual prefiro pensar como a EA está envolvida com a cultura em que se insere, do que qual estratégia para sua melhor efetivação, por exemplo.

Dentre os empreendimentos diversificados e frequentemente controversos dos Estudos Culturais, o primeiro ponto que merece ser marcado é o engajamento de seus praticantes em romper lógicas cristalizadas, concepções consagradas (teorizações canônicas) que sustentam e moldam a sociedade. Os Estudos Culturais almejam com seus esforços subverter modos de pensar e mostrar como os produtos e práticas da cultura operam na constituição de nossos modos de pensar, ser e agir no mundo (COSTA, 2000), isto é, pretendem suspender as produções/invenções que se mostram naturalizadas, evidenciando que essas estão atreladas a determinantes culturais. A EA a partir desse entendimento pode criticar o *status* de verdadeiro assumido por alguns conhecimentos, que lançam para as periferias conhecimentos igualmente importantes, que são desconsiderados por não partilharem da lógica da “interpretação dominante” – como salienta Larrosa (1998, p.55). Em investigações orientadas pelos Estudos Culturais, “todas as formas de conhecimento são vistas como o resultado dos aparatos – discursos, práticas, instituições, instrumentos, paradigmas – que fizeram com que fossem construídas como tais” (SILVA, 2011, p.136). Deste modo, cabe lembrar que não se trata de ir em busca do “certo” ou “errado”, mas sim das formas pelas quais propostas, teorias, temáticas e procedimento – produções culturais – dão visibilidade a certos conhecimentos em detrimento de outros (WORTMANN, 2011).

Outro ponto pertinente para uma investigação de EA pautada nos Estudos Culturais é a preocupação com a separação de domínios culturais, ou seja, de que haveria objetos de estudo de direito ou em vantagem a outros. Rejeita-se nesse campo de estudo a distinção hierárquica entre alta cultura e cultura de massa, entre cultura erudita e cultura popular. Considera-se relevante investigar tanto os

¹² De acordo com Wortmann (2008, p. 136), a ênfase das pesquisas na área de Ensino de Ciências nas últimas décadas tem sido “trazer soluções mais ou menos prontas para questões que nos afligem como professores/as e que dizem respeito às persistentes questões – *como organizar o ensino em sala de aula? O que ensinar a nossos/as alunos/as?*”. Nesta dissertação, ao me vincular com Estudos Culturais, desloquei meu olhar desse tipo de preocupação e passei a ressaltar o efeito constitutivo que a cultura exerce sobre as sociedades, tratando a educação de modo mais amplo.

conhecimentos provenientes de uma literatura clássica ou de um discurso universitário quanto os de um desenho animado, jornal, peças publicitárias, um grupo de estudos, uma brincadeira etc. Nos Estudos Culturais questiona-se tanto as práticas culturais da academia quanto as da vida cotidiana, pois são todos construídos e instituídos na e sobre a cultura (NELSON; TREICHLER; GROSSBERG, 2009). Desse modo, operam importantes deslocamentos em relação a lugares privilegiados para a produção do conhecimento, como alega Tomaz Tadeu da Silva (2001, p.139): “Sob a ótica dos Estudos Culturais, todo conhecimento, na medida em que se constitui num sistema de significação, é cultural”. A EA, de igual forma, pode simetrizar o conhecimento ambiental das instituições oficiais de ensino com o conhecimento, por exemplo, de um filme ou de uma visita à horta da escola. Da perspectiva dos Estudos Culturais, “ambos expressam significados social e culturalmente construídos, ambos buscam influenciar e modificar as pessoas [...] [ambos] estão envolvidos numa economia do afeto que busca produzir certo tipo de subjetividade e identidade social” (SILVA, 2011, p.136).

Convém destacar ainda algumas investigações na linha de pesquisa dos Estudos Culturais no campo da EA no Brasil (CARVALHO, 2001; GUIMARÃES, 2006; SAMPAIO e WORTMANN, 2007; GARRÉ e HENNING, 2011, 2013; SAMPAIO, 2012; para citar alguns), que têm se mostrado férteis e inspiradoras para o meu estudo. Essas pesquisas tiveram objetivos diversos, mas em comum a força de produzir e/ou despertar olhares diferentes acerca do EA, como: identificar as tendências que se estabelecem de forma mais persistente nas ações/ensinamentos que circulam/circularam em EA; problematizar discursos que circulam em revistas sobre a “crise ambiental”; pensar sobre como os sujeitos passam a assumir determinadas posições e a empreender determinadas ações frente a questões ambientais; analisar os modos como enxergamos e nos relacionamos com a natureza em diferentes espaços e tempos; descrever os sentidos e trajetórias de uma EA específica/local; problematizar discursos contemporâneos acerca da floresta amazônica; apontar o modo como a crise ambiental retratada em especial nas mídias tem entrado na pauta da sociedade atual e engendrado uma política do medo; assinalar como estamos sendo formados na cultura para atuarmos sustentavelmente no mundo contemporâneo; dentre outros.

Tais perspectivas culturalistas distanciam-se de uma missão salvacionista, conscientizadora e libertadora. Neste sentido, assumir desassossegos como esses para a pesquisa em EA permite vislumbrar um campo de pesquisa muito mais amplo, pois, em um mundo marcado por questões ambientais híbridas como poluição, diminuição dos recursos naturais, sustentabilidade, biodiversidade, aquecimento global e tantos outros, a crítica educacional não pode ficar presa à investigação de instâncias, categorias e práticas nas quais os conhecimentos transitam oficialmente, pois esses assuntos não se detêm em círculos fechados, pelo contrário, são fluídos, eles já são em si uma mescla de conhecimentos provenientes de muitas instâncias, práticas e produtos que circulam na cultura. Com essa abertura pode-se trazer para discussão da EA na área de Ensino de Ciências novos/outros entendimentos.

3 A METODOLOGIA

3.1 O Percurso da Pesquisa

No decorrer da pesquisa evitei tratar a metodologia como algo já determinado *a priori*, deixei que as circunstâncias fossem me indicando as técnicas a serem empregadas em cada etapa do processo. Nesse sentido, posso dizer que não parti de um método para a análise das HQs, e sim que cheguei a determinados procedimentos metodológicos, o que não significa que não houve rigor na coleta, tratamento e análise das informações. Todavia uma coisa estava certa desde o início: tratava-se de uma pesquisa de cunho qualitativo. Conforme Chizzotti (2003, p.221), o termo qualitativo implica “uma partilha densa com pessoas, fatos e locais que constituem objetos de pesquisa, para extrair desse convívio os significados visíveis e latentes que somente são perceptíveis a uma atenção sensível e, após este tirocínio, o autor interpreta e traduz em um texto [...]”. Ainda segundo o autor, os sujeitos que tomam a pesquisa qualitativa como opção contestam “a neutralidade científica do discurso positivista e afirmam a vinculação da investigação com os problemas ético-políticos e sociais” (CHIZZOTTI, 2003, p.228).

Outro ponto que chama a atenção nesse modo de tratar a pesquisa é o destaque que se dá à interpretação – imbricada à dinâmica social – e à íntima relação entre o pesquisador e o que é estudado, bem como as circunstâncias que influenciam a investigação. Diferente também da pesquisa convencional, mostra-se o posicionamento quanto à subjetividade, que não é descartada, pelo contrário, a pesquisa qualitativa é tomada como um conjunto de atividades interpretativas (DENZIN; LINCOLN, 2006). E essas interpretações qualitativas não resultam em uma única verdade interpretativa, pois o que existe são múltiplas comunidades interpretativas, cada qual envolvida em campos de lutas em torno de seus próprios critérios e significados (*Ibidem*). Nesse sentido, como argumenta sensatamente Larrosa (2009, p.25), “nem o mundo nem o homem são suscetíveis de uma exegese definitiva, não podem ser lidos de uma vez por todas; seu sentido é inesgotável, seu mistério infinito”.

Compreendo, assim, a pesquisa qualitativa como uma possibilidade de leitura do mundo social e dos seres humanos, que desloca o eixo da análise da neutralidade e objetividade para reconhecer que a experiência humana não pode ser analisada e confinada por métodos quantitativos e estruturalistas, pois não existe uma leitura/interpretação que possa ser considerada a mais correta ou verdadeira, e sim pode-se almejar apenas a intenção de produzir, como diz Larrosa (2009), novos e múltiplos sentidos.

Tendo essas considerações como base, passo a descrever a primeira etapa do percurso metodológico, que foi definir a amostragem que seria feita do objeto de estudo, uma vez que as HQs do Papa-Capim são uma obra extensa para se abordar no período de um mestrado. Optei por fazer dois recortes prévios, um espacial e outro temporal. O primeiro delimitou para as análises edições publicadas nas revistas do Chico Bento, pois essa literatura também é comercializada esporadicamente em outras revistas do universo dos quadrinhos da MSP, como almanaques e edições especiais, mas por ser tradicionalmente vinculada às HQs do Chico Bento há décadas escolheu-se esse veículo. O segundo limitou a análise a um período mais recente de publicações, de 2007 a 2012. Esse recorte foi pensado, principalmente tendo em vista que o intuito da pesquisa era o de questionar as noções de natureza que circulam na atualidade, mas também foi feito para destacar o contexto mercadológico, pois foi a partir de 2007 que as HQs da MSP ganharam maior visibilidade no âmbito internacional, uma vez que a empresa firma contrato com a editora multinacional *Panini Comics* – responsável pela publicação e comercialização das principais histórias em quadrinhos no mercado: revistas Marvel, DC e Mangás. Expandir os domínios de publicação das HQs ao exterior significa ampliar o domínio do mercado e conseqüentemente ampliar a produção de saberes e sujeitos de acordo com determinadas representações do mundo social, assim, a partir deste período a MSP pode “espalhar” seus ensinamentos para um público ainda maior.

Ao fim desta primeira etapa o *corpus* da pesquisa – ou seja, o “conjunto dos documentos tidos em conta para serem submetidos aos procedimentos analíticos” (BARDIN, 2008, p.122) – se constituiu em 43 edições, que podem ser observadas, quanto aos seus títulos, edições e datas em que foram publicadas, no Quadro 1 (Apêndice A).

A segunda etapa tratou de uma leitura exploratória do material. De acordo com Gil (2002), realiza-se esse tipo de leitura como se fosse uma expedição de reconhecimento junto a um território, ou seja, o intuito é obter informações básicas acerca do objeto de pesquisa. Dessa forma, realizei a leitura das HQs buscando me aproximar do universo do Papa-Capim, conhecer os personagens e os enredos das histórias, atentando para o modo como trazem em suas representações o ambiente e as relações do ser humano com esse.

A partir dessa “sondagem” inicial, passei à terceira etapa, em que realizei uma série de leituras do *corpus*, agora de modo um pouco mais detalhado, com o objetivo de verificar e definir as obras em que estava em funcionamento uma pedagogia ambiental, isto é, as edições que almejavam exercer uma Educação Ambiental. Dentre as 43 HQs, destacaram-se nesta condição as edições 1, 2, 6, 10, 14, 15, 19, 25, 26, 27, 39, 51, 53, 62, 63, 66. Após ter apreciado atentamente cada uma destas histórias, decidi por analisar mais profundamente apenas as cinco HQs do *corpus* que possuíam evidências modernas mais manifestas/explicitas, as edições 1, 2, 53, 62 e 66. Cabe a ressalva de que as 43 edições continham representações que de certa forma retratavam “natureza” de modo moderno: todas as HQs a traziam como algo distinto da cultura, “uma concepção de Natureza como paisagem sobre a qual o Homem se movimenta, a qual ele é capaz de compreender objetivamente e a qual ele pode dominar completamente” (VEIGA-NETO, 1994, p.148). Mas optou-se, no entanto, por trabalhar com um número menor de HQs, para dar realce às especificidades, às particularidades e ênfases articuladas na conjuntura de cada história, pois a pertinência das contingências encontradas em cada HQ mostrou-se mais interessante do que trazer recorrentes enunciações que demarcassem as representações modernas de natureza em todas as edições. Tendo, portanto, como faz Latour, testar, criticar, retorcer os poucos objetos de estudo para ver como estes se comportam, como estes se sustentam.

Definidas as edições a serem exploradas, sucedeu a análise das representações propriamente ditas. É importante marcar neste momento, qual é a abordagem de representação assumida nesta pesquisa. Dentre as várias

concepções existentes para representação, a que mais se adequou aos meus interesses foi a visão do construcionismo cultural¹³.

Nessa perspectiva, representar é, resumidamente, usar a linguagem para dizer algo significativo ou representar o mundo de forma significativa, sendo essa a parte essencial do processo pelo qual o significado é produzido e intercambiado entre os membros de uma cultura. A linguagem é assim considerada como um produto social em que os significados são construídos por meio dos sistemas de representação, e esses somente existem em função de convenções ligadas à linguagem, reconhecidas e aceitas socialmente por cada cultura, segundo suas especificidades, ou seja, cada espaço-tempo produz suas próprias representações, carregadas de significados relacionados ao seu contexto social, cultural e linguístico (HALL, 1997).

Desse modo, entende-se para o desenvolvimento desta investigação que as representações de natureza que circulam amplamente em diferentes discursos (imagéticos ou textuais) podem ser vistas como construídas em jogos de linguagem por imposição de significado, pois este “[...] está sempre sendo negociado e inflectido nas práticas sociais para ressoar novas situações” (HALL, 1997, p.25). Como argumenta Costa (2002), quando alguém ou algo é representado, temos uma linguagem produzindo uma “realidade”, uma “verdade”, instituindo algo de tal ou qual forma. Assume-se, desse modo, a linguagem como constituidora do que nela se expressa, pois ao mesmo tempo em que significamos produzimos as coisas, ou seja, para o construcionismo, somos nós que estabelecemos o significado, ele não é inerente ao objeto, coisa ou palavra, é construído, produzido. Logo, não se deve confundir a representação com o mundo material, essa não é um espelho da realidade, e sim um entendimento, uma produção de conhecimento – significados que atribuímos que são moldados e partilhados na cultura – a respeito do mundo material (HALL, 1997).

Outro fator do construcionismo cultural que me chamou a atenção e mostrou-se produtivo para a construção desta dissertação foi que essa perspectiva não se preocupa em investigar apenas a produção da representação, ela também se

¹³ Foi essencial para o meu entendimento de construcionismo cultural as considerações de Stuart Hall (1997) em “The work of representation”, primeiro capítulo do livro chamado *Representation: cultural representation and cultural signifying practices*.

importa com seus efeitos e consequências, com a maneira como os conhecimentos que circulam nos discursos afetam nossas condutas e desejos e nos posicionam como sujeitos, instituindo identidades que devem ser aceitas ou não em determinados contextos socioculturais (HALL, 1997). Dá indícios, portanto, de que as representações dão sentido ao nosso mundo, ensinando-nos determinadas formas de ser, ver e pensar. Elas fornecem modelos do que significa ser homem, mulher, negro, criança, adulto, pobre, rico, natureza, corpo, beleza, enfim, estabelecendo-nos o que é verdadeiro (SILVEIRA, 2006). Pensando nisso, busquei analisar as representações de natureza nas HQs do Papa-Capim, tomando-as também como “[...] prática de significação capaz de atuar na estruturação de nossos modos de olhar, organizar, agrupar, classificar e, desse modo, (re)produzir discursos que são colocados em circulação e operam sobre sujeitos e epistemes” (WORTMANN, 2011, p.163). Por tais razões, passei a vê-las como uma das formas contemporâneas do governo de nossa subjetividade, que nos convida constantemente a transformar nossa maneira de ser.

Esclarecido o modo como adoto a representação nesta pesquisa, retomo agora a explicação da etapa analítica do percurso metodológico. O primeiro passo da análise foi tomar a narrativa de cada história como um todo, isto é, não tentei desmontar/fragmentar o texto para posteriormente encaixá-lo em categorias, pois isso implicaria estabelecer um modelo capaz de explicar/desvendar significados, como se existisse uma verdade universal no discurso que pudesse ser revelada; entendo que o estabelecimento de fronteiras – pensar e decompor o discurso como parte disso ou daquilo – são construções que não fazem sentido em uma abordagem pós-estruturalista, já que por esse viés não há preocupação em se dar uma definição verdadeira, de reivindicar um melhor olhar, mais puro e desinteressado, pelo contrário, as considerações são sempre contingentes, contestáveis e provisórias. Evito, assim, como diz Larrosa (2009), de cair na armadilha de tomar como fato o que não passa de interpretações.

Visto isso, para exercer a análise, produzi a descrição do enredo de cada uma das cinco HQs selecionadas, ou seja, relatei a ideia geral que as histórias estariam comunicando a seus leitores, todavia, exercendo uma leitura um tanto conotativa, pois ela se relaciona imediata e intuitivamente com minhas crenças e experiências, isto é, mesmo sendo uma descrição, ela nunca será a própria ideia dos

autores/criadores das HQs, pois as histórias evocam significados que podem desencadear leituras múltiplas. Assim, certamente para outro leitor ou para mim mesma em outro espaço-tempo esses significados podem ser outros. Porém, tentei “ler bem” – para usar uma expressão de Larrosa (2009) –, ou seja, “ver tudo aquilo que o texto mostra, e também o que a literalidade do texto não mostra, isto é, a força que expressa” (LARROSA, 2009, p.27). E, nesse sentido, a descrição foi uma ferramenta poderosa, pois ampliou e potencializou a reunião de maior quantidade de elementos, possibilitando enxergar várias coisas que não seriam perceptíveis com um olhar simples e corriqueiro, sendo uma importante ferramenta de acesso ao mundo social (GEERTZ, 1978).

Guiada pelas impressões resultantes da descrição, passei à etapa em que me esforcei para contextualizar as HQs com o referencial teórico, pretendendo estabelecer alguns pontos de convergência, em especial com as argumentações de Bruno Latour. Como remate, é importante frisar que “As análises feitas nos Estudos Culturais não pretendem nunca ser neutras ou imparciais” (SILVA, 2011, p.134). Desse modo, tomo claramente um partido e realizo uma análise parcial e interessada, que busca fazer sentido aos objetivos propostos.

4 ANALISANDO AS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS DO PAPA-CAPIM

Na perspectiva que assumi nesta pesquisa, as representações são entendidas como produzidas/construídas na cultura, que por sua vez é entendida como um campo de lutas em torno do significado (HALL, 1997). Deste modo, a tarefa da análise cultural é indicar, nas variadas situações por esses focalizadas, quais grupos, instituições, processos e práticas conseguem fazer circular, com mais força, determinados significados e, desse modo, atuar na sua produção discursivamente (WORTMANN, 2002). E é por este vislumbre que procedo à análise das HQs do Papa-Capim, buscando evidenciar nestas os significados que operam com preponderância na instituição de suas representações de natureza.

4.1 Representações Modernas de Natureza

Antes de adentrar na análise individual das edições, gostaria de assinalar uma característica geral importante: nas histórias selecionadas para este estudo são os indígenas quem são postos a assumir o papel de modernos. Cabe fazer a ressalva de que as HQs produzem também significações modernas particulares para o homem branco, contudo, não me detive nestas ao realizar as análises. Desde o início da investigação pareceu-me mais interessante voltar os olhares para as representações modernas e as significações que estas produzem junto aos personagens indígenas.

Nas histórias, Papa-Capim funciona como um representante direto e ideológico – para utilizar um termo antigo – dos ambientalistas protetores da natureza, demonstra por ela uma clara relação emancipatória, racional e consciente que esteve nas bases da emergente teoria crítica dos pós-guerra e que impregna o pensamento ambientalista moderno. Algo que é no mínimo contraditório, visto que, como argumenta o antropólogo francês Philippe Descola (2011), a maior parte das civilizações não ocidentais desconhece ou não tem necessidade da noção de natureza. Essa noção, segundo o autor, só veio a emergir no século XVII como uma

estratégia, um meio de definir a matéria, as leis do universo etc., ou seja, com o advento da modernidade nas sociedades ocidentais. Na mesma direção, Latour (2004) alega que as culturas não ocidentais não estão ou jamais estiveram interessadas pela natureza, elas não a utilizaram jamais como categoria, jamais encontraram seu uso, elas simplesmente a ignoram. Para as culturas tradicionais, afirma Descola (2011), esse domínio que denominamos de natureza é algo inexistente, o mundo para estas culturas, como um todo, é fortemente dependente da ação humana, em interação constante com o domínio humano, portanto, uma visão bem diferente da nossa, que tem em evidência a dicotomia natureza-cultura, tomando a natureza como um objeto, solícito ao olhar racional do homem.

Por tal razão, acredito que esteja se forjando no índio¹⁴ uma visão branca e iluminista de pensar natureza nestas HQs, pois mesmo quando nos enredos Papa-Capim e/ou Cafuné são colocados dentro de uma concepção que parece afastá-los do mundo ocidental – de sujeitos que vivem em meio à floresta amazônica, supostamente distantes da civilização – são as características de um ecologismo moderno que se destacam, de atitudes e valores ocidentais, de sujeitos plenamente capazes de separar o mundo da cultura (humanos) do mundo da natureza (não humanos) e explicá-los de maneira objetiva e racional (CASTRO; OLIVEIRA, 2013).

Julgo que essa consciência ambiental do personagem Papa-Capim, de quem sabe exatamente o que é a natureza e que relação devemos ter com esta, é a insígnia do sujeito moderno: ele é retratado como o único em condições de compreender e refletir acerca de seus atos para com a natureza, pois possui uma “consciência” – essa noção advinda da filosofia ocidental, “de que o ser humano é constituído de um núcleo autônomo, racional, consciente e unificado, no qual se localiza a origem e o centro da ação” (SILVA, 2000, p.102). E isso lhe permitiria lidar melhor com a natureza do que o homem branco (o ocidental).

Neste capítulo, portanto, pretendo demonstrar que Papa-Capim e seus amigos, ao almejamem nos ensinar ambientalmente, concebem a natureza de um modo moderno, ou seja, articulado às formas de representação de grupos culturais “brancos”. Para isso, trago a seguir a análise das cinco edições das HQs do Papa-

¹⁴ Cabe marcar que o foco desta dissertação não é a representação de índio. Vale-se do índio neste trabalho para ratificar o grande movimento em discussão que é a modernidade. Para a análise das representações de índio nessas HQs, vide Castro (2013).

Capim. Cada uma delas é apresentada por meio de uma descrição, seguida da discussão do que considere serem evidências de uma concepção moderna de natureza. Dessa forma, tento problematizar as histórias, buscando alegar que nesses discursos “natureza” é algo muito mais contingente, determinada, imperfeita e híbrida do que os modernos gostam de admitir. Cumpro explicar também que os títulos que nomeiam cada uma das subseções adiante são uma estratégia que encontrei de ir indicando, para você, leitor(a), as situações que serão destacadas na análise. Espero que eles ajam como um “fio de Ariadne”¹⁵, que o(a) guie para as questões que me interessam discutir.

4.1.1 Papa-Capim em: a Verdade Ecológica

Na edição 62¹⁶, denominada *Estilingue*, Papa-Capim e seu amigo Cafuné observam de longe e atenciosamente, de trás de um arbusto – com olhos arregalados de espanto –, um caiçara¹⁷ de expressão maliciosa e trapaceira, que de dentro de uma rede amarrada à sombra de árvores atira pedras em animais utilizando um estilingue. O homem aparentemente se diverte com isso. Após a agressão contra vários animais, os índios revoltam-se contra o sujeito. Eles assumem o papel de protetores e decidem se vingar em nome dos animais. Para

¹⁵ Ariadne é uma personagem da mitologia grega. Segundo a versão mais conhecida da lenda, Teseu, filho de Egeu, rei de Atenas, resolve se incluir em um grupo de rapazes e moças que eram sacrificados anualmente ao monstro Minotauro, que morava num labirinto construído pelo rei Minos na ilha de Creta. Teseu prometeu ao pai que mataria o Minotauro e voltaria vitorioso para Atenas. Ao chegar na ilha, ele conhece a bela Ariadne, filha do rei Minos. Ela se apaixona perdidamente pelo herói. Com medo de que ele morresse no labirinto Ariadne o presenteou com um novelo com fio de ouro, que deveria ser solto à medida que o rapaz caminhasse, para assim poder achar a saída do labirinto. Isso foi extremamente importante para a vitória de Teseu, pois a dificuldade maior não era o confronto com a besta, e sim achar o caminho de volta. O que foi possível graças ao fio que serviu de guia.

¹⁶ As edições não são apresentadas nas análises em ordem crescente – 1, 2, 53, 62 e 66 –, optei por ir apresentando de acordo com o que julguei ser mais pertinente para o leitor ir se apropriando da temática discutida.

¹⁷ Denominação dada pelos índios nessas HQs ao homem branco – o ocidental. Nesse sentido, destaca-se algo “curioso”: nos mais de cinco anos de edições analisadas na primeira etapa da análise, nunca surgiu um personagem que representasse os ocidentais que não fosse realmente branco. Convenhamos que isso é um tanto “estranho”, visto que vivemos em um país em que mais da metade da população não se considera branco – Brancos 47,7%, Pardos 43,1%, Negros 7,6%, Indígenas 0,4%, Amarelos 1,1% (IBGE, 2010).

isso utilizam a própria rede em que o caçara repousa para fazer um imenso estilingue que traduz a ação superlativa e altruísta de ambos, puxando-a e lançando o maldoso caçara para os ares. A história se encerra com os índios dando as costas de forma confiante para a “sombra” do que fora o sujeito central sendo catapultado para fora do plano da cena, Papa-Capim posiciona-se com as mãos em punho, aquela do sujeito aguerrido, convicto de que fez a coisa certa. Cafuné, também resoluto, aparece batendo as mãos uma na outra, como quem acabou de finalizar uma tarefa, satisfeito. Já o caçara aparece como uma sombra ao fundo da imagem voando para bem longe dali (Figura 1).

Há nessa cena um requintado toque de modernidade, está bastante claro e em funcionamento uma “verdade ecológica”: o saber que os índios Papa-Capim e Cafuné têm de natureza, que age como se fosse “o” saber verdadeiro. Um saber que mesmo sendo situado em um espaço-tempo específico atua como a única concepção válida. Fazer com que o intruso voasse pelos ares no quadrinho final deixa a mensagem de que se trata da solução final, da última palavra, como se a natureza pertencesse aos que se entrincheiram em sua defesa; ao outro, lhe resta o destino de ser-lhe, sem remorsos, apagadas a identidade e as funções.

Figura 1 – Papa-Capim e Cafuné expulsando o caçara ou: os meios modernos de produzir a realidade sobre quem e o que devem ou não pertencer ao quadro da natureza



Fonte: História em quadrinhos do Papa-Capim intitulada “Estilingue”. In: MAURICIO DE SOUSA PRODUÇÕES. Chico Bento. São Paulo: Panini Comics, 2012. n.62, p.33.

Na história, a atitude dos índios é tomada como correta/boa, enquanto o que é contingente assume a forma de engano, descaminho, falta de racionalidade. É próprio da modernidade negar o caráter racional a todas as formas de conhecimento que se não pautem em seus princípios. Como ressalta Bauman (1998), é

característico desse modelo totalitário tratar tudo que não se encaixa na grande narrativa de purificação como fora de lugar. O caiçara na história representa esse ser “estranho”, o sujeito que não sabe lidar com a natureza, o que desconhece as consequências que suas ações podem trazer ao meio ambiente. Sua crença é uma confusão do mundo natural e social, este não sabe separar a dimensão racional, lógica, as regras de conduta, da dimensão humana – que conta com instintos, interesses e sentimentos –, isto é, o caiçara tende “a obscurecer e eclipsar as linhas de fronteiras que devem ser claramente vistas” (BAUMAN, 1998, p.37). Já os índios, atuando como modernos, seriam entes especiais que, separados de todo o restante, apresentam-se plenamente capazes de saber o que importa fazer e o que importa proteger, além de compreender com exatidão a confusão desses “outros” (LATOUR, 2002).

A presença do caiçara estraga o quadro moderno de pureza, como argumenta Bauman (1998, p.13), ofende “o senso esteticamente agradável e moralmente tranquilizador da harmonia”. O caiçara representa uma sombria desordem, que se opõe à razão adulta e luminosa da mente dos meninos índios. E como argumenta Bauman, na ordem harmoniosa e racional moderna não há espaço para os “nenhuma coisa nem outra”, para os “cognitivamente ambivalentes” (BAUMAN, 1998, p.38). Nesse contexto, a estratégia para manter a “verdade ecológica” funcionando é condenar os que “não se encaixam” na ordem estabelecida, incriminá-los e eliminá-los. Pode-se observar essa operação moderna em duas situações: a primeira acontece quando o caiçara é tomado como o inimigo pelos índios, com suas atitudes sendo apresentadas como perversas/maldosas, as que alteram a paz que reina na floresta intocada e perfeita; a segunda ocorre quando os índios lançam o caiçara para longe dali, eliminando-o da cena. Assim, a HQ ensina-nos que devemos excluir quem não se enquadrar na “verdade ecológica”, que essa é a ação apropriada a se tomar frente a pessoas que não compartilham do mesmo saber (CASTRO; OLIVEIRA, 2013).

Cabe salientar, portanto, que o caiçara é visto como aquele que deve ser superado, o que tem práticas arcaicas não condizentes com o momento vivenciado – o da era verde, do ecologicamente correto. Sua falta de racionalidade estaria no passado, enquanto a limpeza, a ordem, a clareza das relações para com a fauna e a flora estariam no futuro. Essa hostilidade à tradição, esse anseio de levar o ser

humano a um plano mais alto, novo e supostamente melhor, essa ideia de revolução, de um rompimento com um passado ultrapassado – de um tempo que passa em direção a um progresso –, é marca dos modernos (LATOUR, 2002). Convém ponderar que nessa ânsia de desbancar as antigas verdades, os modernos funcionam sob a lógica da exclusão, uma vez que, ao introduzirem novas ideias, promoveram a ruptura e o apagamento de outras concepções e relações com o ambiente. Dessa forma, a HQ, no ato de ensinar ambientalmente, universaliza suas pretensões colonizadoras, pois almeja impor um saber que se diz mais apropriado e verdadeiro.

Não podemos perder de vista, como lembra-nos Latour (2002), que a verdade é uma relação de força, quem vence a batalha entre os atores em competição é que impõe a sua verdade. Nesse sentido, a “verdade ecológica” que está sendo validada nessa HQ nada mais é do que uma versão da história. Pode-se dizer que “a” natureza apresentada na HQ do Papa-Capim é apenas uma de muitas representações, que são construídas nos e pelos discursos, e como tal não deve ser encarada como uma verdade incontestável, pois é culturalmente construída, não fixa e histórica, fruto de discursos contingenciados, específicos e locais de um determinado grupo de pessoas (da Mauricio de Sousa Produções), de significados que circulam na cultura dessas pessoas – de uma concepção moderna (CASTRO; OLIVEIRA, 2013). Por tais razões, não necessariamente essa representação de natureza deve ser tomada como um padrão por todas as culturas, pois sujeitos que vivenciam outros períodos históricos e sociedades podem possuir outros códigos culturais de significação para natureza, outras verdades. Em virtude dessas considerações, facilmente se põe em ameaça essa concepção moderna de que há “uma” verdade ecológica.

4.1.2 Papa-Capim em: a Proteção da Natureza

Na HQ do Papa-Capim chamada *Protetores e protetoras*, edição 2, Papa-Capim caminha pela floresta e se depara com diversos filhotes de animais, um filhote de onça, uma ninhada de porcos-do-mato e também com um ninho repleto de

ovos de jacarés. Em todos os casos, quando ele se aproxima dos animais – para fazer um carinho ou por curiosidade –, as mães dos animais aparecem extremamente ferozes e o botam para correr. Posteriormente, Papa-Capim percebe que as mães o fazem para protegê-los, e fica grato por isso, dizendo: *Ainda bem que todo o filhote tem uma mãe para protegê-lo*. E continua: *E com todo o perigo que tem por aí... o que seria deles sem as suas mães?*¹⁸, seguindo feliz com esse pensamento, até que se depara com um caçara. O homem vestido de roupa bege, botas e chapéu – o arquétipo do caçador das savanas dos filmes hollywoodianos antigos – está armado e aparenta estar à procura de sua caça. Prontamente, o índio se põe à frente de um arbusto onde animais se escondem amedrontados – os mesmos animais que ele encontrara anteriormente. Papa-Capim rosna para o caçador como uma fera, posicionando-se prontamente para pular no caçador caso necessário. E assim finaliza-se o quadrinho, com o menino índio demonstrando toda a sua coragem, em um ato de heroísmo para proteger a natureza – tal como as mães dos animais fizeram.

Nessa história, Papa-Capim reaparece como o sujeito ativo na proteção da natureza, movido pelo desejo de assumir a palavra daqueles que não têm voz, ou melhor, daqueles cujas vozes não ecoam em certos modelos colonialistas de um estágio histórico bastante específico da expansão europeia. Papa-Capim quer fazer-se porta-voz¹⁹ dos direitos do mundo mudo, no caso dos animais, que são postos na cena como as crianças (humanas) indefesas: forjadas na pedagogia cognitiva com gavinhas nas teorias da evolução, que como diz Walkerdine (1995), consolidaram a ideia de infância como a fase mais primitiva e frágil da humanidade, como um ser débil e fraco, carente de toda sorte de cuidados. Nesta esteira Papa-Capim se autoproclama um avatar de mãe (Figura 2) – aquela figura cuidadora e abnegada de si mesma em favor dos outros, estável, amorosa, que toma para si a responsabilidade de cuidar do outro.

¹⁸ Nas análises as falas dos personagens serão apresentadas em itálico para diferenciá-las do restante do texto.

¹⁹ Porta-voz é alguém que fala em lugar do que não fala, um representante que expressa “supostamente” o interesse do representado e não o próprio (LATOIR, 2000).

Figura 2 – Papa-Capim cuidando dos animais



Fonte: História em quadrinhos do Papa-Capim intitulada “Protetores e protetoras”. In: MAURICIO DE SOUSA PRODUÇÕES. Chico Bento. São Paulo: Panini Comics, 2007. n.2, p.30.

Neste papel de mãe, tal como um militante ecológico integrante de uma ONG como a *Sea Shepherd*²⁰, ele está disposto a colocar sua vida em risco em prol da causa que defende. A consciência ambiental do Papa-Capim funciona na história, dessa forma, como a “arma” do sábio, que, munido com “verdades” da Ciência – do discurso científico–ambiental de que a sobrevivência do planeta depende de determinadas mudanças de atitudes dos homens para com a natureza –, pode enfrentar qualquer coisa e sair vitorioso. Um argumento moderno, que transfere para o personagem um ecologismo característico dos ocidentais, tentando incessantemente inserir a natureza no jogo político, fazer dela um objeto estético, um sujeito de direito, uma preocupação (LATOUR, 2004). E isso implica reduzir a natureza a um estado de coisa manipulável, racional, estável.

Como sustenta Latour (2004, p.43): “[...] sob excusa de proteger a natureza, os movimentos ecológicos também conservaram a concepção da natureza que torna impraticável seu combate político [...]”, isto é, a ação é imobilizada, pois pauta-se

²⁰ *Sea Shepherd Conservation Society* é uma organização não governamental (ONG) focada na conservação da vida silvestre marinha, cuja missão é terminar com a destruição de hábitat e o massacre da vida selvagem nos oceanos do mundo, com o objetivo de conservar e proteger ecossistemas e espécies. A ONG é mundialmente conhecida e ficou ainda mais famosa após um *reality show* denominado “Whale Wars”, que foi ao ar no canal Animal Planet (da rede Discovery), que se dedicava amostrar encontros do grupo com a frota japonesa de baleeiro no Oceano Antártico (Fonte: <http://seashepherd.org.br>). Escolhi esta ONG, e não outra, para exemplificar a ideia de ativismo ambiental, porque seus ativistas utilizam táticas de ação diretas, colocando em risco suas vidas em prol da proteção da vida marinha – realizam sabotagem a afundamento de barcos enquanto atracados em portos, obstrução à caça de focas, apreensão e destruição de redes-derivantes entre outras ações – diferente de outras ONGs que muitas vezes utilizam métodos pacíficos.

nos mesmos princípios que pretende criticar: a separação entre natureza e cultura, o afastamento do homem da natureza. No próprio discurso que visa preservar a natureza introduzem-se os elementos que são responsáveis por sua degradação – a tomada da natureza como uma “coisa em si”, uma propriedade, um bem material da humanidade, mobilizável de acordo com interesses.

Pretende-se proteger a natureza por ela mesma, mas o discurso é pautado no domínio social/humano. O mundo moderno na sua totalidade é tomado pelo humano, transformado por ele, instituído na cisão sujeito-objeto. Desse modo, Latour nos faz pensar: afinal, protege-se para que e para quem? Segundo o autor, “é para o bem-estar, o prazer ou boa consciência de um pequeno número de humanos, cuidadosamente selecionados [...]” (LATOURE, 2004, p.45).

Para muitas pessoas, que vivem em um espaço ou tempo diferente, não faz o mínimo sentido e/ou diferença essa ideia de uma natureza a ser protegida, pois de acordo com os códigos culturais que são compartilhados pelos sujeitos, algo que é visto como uma solução para alguns pode, também, ser compreendido como um problema para outros. Em uma pesquisa realizada por Braun (1999) a respeito de textos da época da ambientação dos colonos/colonizadores alemães no Rio Grande do Sul, temos um exemplo de como as representações de natureza são moldadas de modos diferentes para atender a interesses específicos. Segundo a autora, durante o processo de ocupação, práticas como o desmatamento eram consideradas proveitosas e necessárias sob o ponto de vista econômico, além de também embelezarem o local, que, quando repleto de mata virgem, era considerado horrendo e inóspito.

Comparando esse exemplo com o discurso da HQ analisada, pode-se compreender que a natureza com “ente” a ser protegido é uma construção cultural situada nesse tempo, ela é continuamente determinada por interesses pautados no suposto bem-estar humano, apesar de os ecologistas não admitirem. Mas, como se discutiu anteriormente, mantendo a ideia moderna de separação natureza-cultura, estaremos sempre baseados em uma ética antropocêntrica.

4.1.3 Papa-Capim em: a Crise Ambiental

Na edição 1, intitulada *Vara de pescar*, Papa-Capim caminha pela floresta com sua lança recostada sobre o ombro quando se depara com um objeto no chão, um bambu fino e comprido com uma longa linha amarrada na ponta. Ele pega o objeto e compara-o com sua lança, aparentemente não identificando que se tratava de uma vara de pescar. De repente, vem-lhe à memória a lembrança do objeto em ação – um caiçara pescando. Rapidamente, ele abandona sua lança e corre para a beira do rio para testá-la. Após algum tempo sentado no barranco à beira da água – imitando o caiçara da sua lembrança –, ele “pesca” algo. Ao puxar da água, para sua surpresa, é um pneu em vez de um peixe; ele tira-o da água e joga na margem, aparentemente fica contente com isso e volta a pescar. Novamente, para seu espanto, ele “pesca” outro objeto, agora uma garrafa. Papa-Capim a retira do rio e joga-a na margem tal como fez com o pneu. Essa situação se repete várias vezes – uma bota, uma lata, uma roda de bicicleta, uma panela –, formando um enorme monte de lixo na margem do rio. Mesmo cansado, com o trabalho que deu para retirar todos aqueles objetos do rio, o índio se mostra satisfeito. Em seguida, podemos vê-lo correr segurando a vara na mão e olhando para ela como se fosse um “achado”, um objeto extraordinário. Logo adiante, percebemos que ele saiu em busca do amigo Cafuné. Ao avistá-lo, grita: *Cafuné!!Cafuné!! Vamos pescar?* E o amigo responde: *Pescar?! Mas aqui neste rio perto da cidade?* Papa-Capim, todo orgulhoso, mostra a vara, dizendo: *Claro! Olha o que eu achei!* Cafuné então aponta para a vara: *Ah! É aquela coisa que os caraíbas usam para pegar os peixes!* Todavia, Papa-Capim rapidamente argumenta: *Peixes, não!* Na próxima cena, Papa-Capim aparece todo animado na beira do rio colocando a vara em ação, a fim de mostrar para Cafuné sua utilidade. Nesse mesmo instante puxa para fora da água mais um lixo – um aparelho de TV todo quebrado – e exclama: *Eles usam para limpar o rio antes de pescar!*

No encerramento da história, Papa-Capim e Cafuné aparecem em uma canoa no meio do rio pescando com suas tradicionais lanças. Papa-Capim, contente, diz: *De vez em quando, os caraíbas inventam umas coisas não tão ruins, hein?* Em primeiro plano na imagem, para reforçar sua fala, exibe-se o amontoado de lixos que foi tirado do rio por ele anteriormente utilizando a vara.

A edição descrita obviamente quer chamar a atenção de seus leitores sobre algo. A meu ver, quer alertar para a emergência de uma crise ambiental/ecológica, ou seja, uma crise de valores da vida humana, um distanciamento do homem ocidental para com a natureza, uma situação que pode comprometer a continuidade da vida no nosso planeta. Esse afastamento homem-natureza é retratado na história pela atitude dos habitantes da cidade, que não se importam em lançar o lixo em cursos d'água (Figura 3). Ao não dar o destino "apropriado" ao lixo, o homem branco estaria poluindo a natureza e, conseqüentemente, colocando em risco a sobrevivência dos animais que compõem o ambiente aquático, além de afetar diretamente também, como vimos, os índios, que geralmente precisam procurar outro lugar para pescar. Ressalta-se, assim, que a alteração de um único elemento pode causar modificações em todo o sistema, desencadeando a perda do equilíbrio de um ecossistema e pôr em crise a natureza.

Figura 3 – Papa-Capim e Cafuné inventando dois mundos. A sujeira do mundo exterior deve ser limpa pelas ferramentas do mundo exterior



Fonte: História em quadrinhos do Papa-Capim intitulada "Vara de pescar". In: MAURICIO DE SOUSA PRODUÇÕES. Chico Bento. São Paulo: Panini Comics, 2007. n.1, p.33.

Compreendo que a modernidade se faz presente nessa história na própria ideia da “crise ambiental”. Como nos lembra Latour (2004), esta não é sobre a natureza, mas sim sobre o modo de produzi-la – um objeto moderno. Na verdade, não temos uma crise ecológica, mas sim uma crise da objetividade, da racionalidade moderna, do modo dicotômico como concebemos o mundo – pensando separadamente natureza e sociedade (ação política).

Nessa HQ, assim como nas outras analisadas, tenta-se sensibilizar o leitor a mudar suas atitudes frente a várias questões ambientais – o consumismo, a reciclagem, a poluição, a destruição da biodiversidade –, almeja-se tecer ligações entre a natureza e as pessoas, causar comoção, fazer-nos querer ser mais como os índios Papa-Capim e Cafuné, que vivem em “bodas” com a natureza. Esquece-se, contudo, como nos adverte Latour (2004), que a natureza no ocidente foi desenhada ao longo dos séculos para ficar separada do sujeito, ela foi esculpida como um mero objeto, o que torna impossível qualquer reconciliação.

O ideal ecologista, portanto, tenta inserir a natureza nas discussões da sociedade, torná-la uma preocupação – pôr fim às poluições, fechar os depósitos de lixo, “mover céu e terra” para que isso ocorra, a todo o custo – sem, contudo, pensar no conjunto de relações híbridas que estão envolvidas. Como afirma Latour (2004, p.17), pretende-se inserir a natureza “no tabuleiro político sem redefinir as casas, sem redefinir as regras, sem remodelar os peões”. Isso faz com que o caráter de crise persista, pois os mecanismos produzidos para a solução só reafirmam o modelo moderno, mantêm a oposição natureza-cultura.

Nesse sentido, estar-se-ia apenas produzindo meios para se viver na crise, administrá-la. A “educação ambiental”, os “negócios sustentáveis”, os “mercados verdes” não buscam a reelaboração da mentalidade moderna, pelo contrário, há um esforço imenso de mudar apenas o que é necessário para que nada mude no final, ou seja, se está direcionado a manter a mesma ideia: a do uso da natureza enquanto recurso, conservando a mesma concepção de relações sociais existente, ou seja, da sociedade urbano-industrial (COSTA e RICHETTI, 2011).

As relações ecológicas extrapolam o campo da objetividade moderna. Na prática, o debate é sobre objetos confusos, que envolvem imbróglis de ciências, de moral, de direito e de política – híbridos (LATOURE, 2004). A situação retratada na HQ, dos habitantes da cidade que jogaram o lixo no rio, por exemplo, pode-se dizer,

é um “problema ambiental” que de um modo bastante elaborado e íntimo pode estar atrelado a uma série de elementos heterogêneos: à produção de embalagens descartáveis, à administração do município que pode não estar realizando a coleta do lixo, ao sentimento de pertença que estimula as pessoas a consumirem desenfreadamente para se sentirem parte de um grupo, aos valores “incontestáveis” das ciências com suas previsões cada dia mais apocalípticas, à pobreza ou riqueza; enfim, a questão é que as situações que se dizem da natureza estão articuladas a uma rede que envolve sentimentos, interesses, valores, definições culturais etc.; e, por esse vislumbre, as separações (natureza/cultura, humano/não humano, Ciência/política) não são tão evidentes como os modernos nos ensinaram a pensar. “Quanto menos os modernos se pensam misturados, mais se misturam” (LATOUR, 1994, p.47).

A crise ambiental, deste modo, é um *lócus* privilegiado para observarmos a impossibilidade da ideia de natureza moderna. O problema para os modernos não seria o complexo e imprevisível modo destas “coisas/situações” se portarem, mas o “curto-circuito provocado pela crise ambiental sobre o dispositivo moderno de representação” (PIMENTEL, 2003, p.76). “Problemas ambientais”, como os trazidos nesta edição, tornam a arquitetura moderna cada vez mais insustentável, pois estes não poderiam ser purificados, eles são fluídos, escapam às classificações (natural ou social), ou seja, são híbridos. Neste sentido, “A crise ambiental pode ser entendida como um desajuste entre a capacidade moderna de produzir híbridos e a capacidade moderna de alocá-los” (*Ibidem*, 2003, p.8).

Diante disso, propostas que pretendem salvar o planeta da crise ambiental, de aproximar a natureza da sociedade, dessa vontade “polêmica” – como diz Latour – de iluminar a vida pública, sem pensar primeiramente nesse modo dicotômico de ver as coisas, desse nosso afastamento, enquanto pensantes, do resto do mundo, não se sustentam.

4.1.4 Papa-Capim em: a Natureza é um Paraíso

Na Edição 66, denominada *Cari Capenga*, representa-se novamente a natureza como algo avulso do homem, algo com o qual deveríamos restabelecer vínculos, como se houvesse uma verdade ambiental a ser reencontrada pelo homem ocidental (GRÜN, 2011).

A história inicia com um caçara chamado Furtado sendo intimado pelo seu chefe para ir a uma missão de salvamento nas selvas brasileiras: resgatar colegas de trabalho que haviam desaparecido por lá (Figura 4).

Figura 4 – Os estranhos caminhos para a verdadeira natureza da vida. Furtado sendo intimado pelo chefe a ir para as selvas brasileiras



Fonte: História em quadrinhos do Papa-Capim intitulada “Cari Capenga”. In: MAURICIO DE SOUSA PRODUÇÕES. Chico Bento. São Paulo: Panini Comics, 2012. n.66, p.46.

Furtado implora para o chefe para não ir: *Mas... lá é tão perigoso e... eu sou tão jovem!* E complementa: *To pagando meu carro.... nem comprei o apartamento dos meus sonhos e... uma gastrite nervosa tá acabando comigo!* *Você não é assim tão insensível, é?* Contudo, o chefe mostrou-se insensível a seus apelos e foi irredutível quanto à sua ordem. Nas cenas que se seguem Furtado parte para a selva. Ao chegar, tudo indica que ele teve contratemplos em sua missão, ele aparece raivoso, descabelado, com a roupa rasgada, sem um dos sapatos e manco,

aparentemente perdido e esbravejando contra tudo, falando consigo mesmo: *Valeu, Furtado! Se meteu na lama, pegou chuva, perdeu a mochila e o celular... e agora...deu uma topada na maior raiz que já vi na vida! Ai! Ai!* De repente, ele dá de cara com o Papa-Capim – que seguia pela floresta com um cesto cheio de peixes em cima da cabeça – e logo se assusta. Furtado sobe rapidamente em uma árvore com medo do índio: *Aaah! Um selvagem!! Não me coma! Minha carne é dura e insossa!* Papa-Capim prontamente explica que ele não come pessoas, só animais, frutas e legumes. Muito atencioso e bondoso, o menino índio pergunta se o caraíba está com fome e o convida para comer peixes com eele em volta de uma fogueira. Em seguida chama-o também para se banhar no rio. Inicialmente, Furtado – desconfiado – acha tudo muito estranho, um menino da idade de Papa-Capim sozinho pela floresta caçando, pescando e se banhando à vontade. Mas a desconfiança não dura muito, logo Papa-capim o convida para ir à aldeia²¹ (Figura 5), onde todos os índios são receptivos com Furtado e o tratam muito bem. Aos poucos o caiçara vai notando o quanto é boa a vida na aldeia – há liberdade, contato íntimo com a natureza e não há horários e nem estresse.

Figura 5 – Receber bem o estranho, desde que seja para renomeá-lo e mudá-lo



Fonte: História em quadrinhos do Papa-Capim intitulada “Cari Capenga”. In: MAURICIO DE SOUSA PRODUÇÕES. Chico Bento. São Paulo: Panini Comics, 2012. n.66, p.50.

²¹ Omiti algumas falas dos personagens para abreviar a descrição da história.

Com o passar dos dias Furtado mostra-se fascinado com o modo de vida dos índios, ele inclusive se cura da gastrite por meio de um remédio preparado pelo pajé da tribo. Contudo, chega um dia que ele sente que é a hora de partir, realizar sua missão. Furtado vai embora da aldeia, mas ao avistar o avião em meio à mata, decide ficar. Ele sai correndo, pula no rio e grita: *Isso é que é vida!* E ao longe uma voz responde: *Concordamos com você!* Espantado o caiçara olha para o lado e vê que encontrou os colegas que ele foi resgatar. Tal como ele, estes também tinham sido seduzidos pela volta ao “natural” e teriam chegado à conclusão de que a natureza é um paraíso a ser retomado, ou melhor, ao qual o verdadeiro e natural homem deve retornar.

Nesta HQ evidencia-se um abandono dos ideais materialistas da sociedade de consumo, em favor de um restabelecimento do homem com a natureza, contudo, mantém o modo dicotômico de pensar o mundo – característica distintiva do projeto moderno.

O enredo traz a vida da cidade como de baixa qualidade, um verdadeiro inferno, há um estresse tremendo, o que pode ser notado logo no início da história, na fala do caiçara: contas para pagar, um sonho de consumo a alcançar com muito trabalho e uma doença de fonte nervosa – por muitos considerados os males do progresso capitalista. Observa-se ainda outra evidência dessa vida conturbada da cidade: pela janela do escritório do chefe de Furtado evidências de poluição, pode-se ver uma indústria ao fundo, lançando pela chaminé uma densa fumaça preta no ar.

Já na floresta onde mora Papa-Capim representa-se uma natureza perfeita, paradisíaca, reina a harmonia, o equilíbrio e uma completa cooperação entre os seres que nela vivem. Efetua-se uma dogmatização da dimensão virtuosa da natureza, que superdimensiona as características consideradas positivas em detrimento das que podem ser vistas como negativas (LAYRARGUES, 2003).

Atribui-se o rótulo de “natural” ao tipo de vida que se leva na aldeia do Papa-Capim, estabelecendo a partir disso uma oposição às formas de vida “não naturais”, no caso as urbanas, que seriam alheias à natureza. As pessoas, então, segundo a ecoalfabetização proferida por esta HQ, deveriam buscar inspiração nas histórias do Papa-Capim, se modelar ao desenvolvimento das sociedades indígenas, pois estas

estariam em consonância com pressupostos retirados do funcionamento dos ecossistemas.

Segundo Gonçalves (1989, p.1), “É comum entre aqueles que se envolvem com a problemática ecológica citar outras sociedades como modelos de relação entre os homens e a natureza”. Contudo, como diz Latour (1998, s/n, grifos do autor), contrariamente a esses (pré)conceitos dos ocidentais, “nem os agricultores, nem os índios da Amazônia, nem os esquimós, nem os caçadores-coletores do Kalahari vivem em ‘estrito contato com a natureza’, menos ainda ‘em simbiose’ com ela”, uma vez que são os modernos os únicos que concebem natureza como meio pelo qual pode agir. Deste modo, buscar resgatar o vínculo perdido com a natureza – aquele que os indígenas preservariam – se reintegrar à natureza (Figura 6), seria uma utopia moderna: uma promessa da ecologia profunda.

Figura 6 – O caiçara (re)educado e reintegrado à natureza



Fonte: História em quadrinhos do Papa-Capim intitulada “Cari Capenga”. In: MAURICIO DE SOUSA PRODUÇÕES. Chico Bento. São Paulo: Panini Comics, 2012. n.66, p.55.

A ecologia profunda, comenta Latour (2004), deseja fazer viver uma vida mais “natural”, entretanto, muda apenas a polaridade sem alterar a relação de submissão entre estes polos da sociedade e natureza. Ao criticar a dominação da ciência e da técnica, da sociedade industrial, pretende retornar à tradição. A proposta de uma “volta à natureza”, de uma união harmônica entre sociedade e natureza, como solução para todos os males é ilusória, ela continua insistindo nas

separações modernas, só se inverte as posições. De acordo com Latour (2004), ela nada mais faz que transferir a dominação das mãos do homem para a natureza. Deste modo, a versão repetiria o enredo histórico moderno, apenas modificando o sujeito e aquilo que é subjugado. Aceitar a modernidade como subjugação do mundo natural, ou como subjugação do homem pela natureza, corresponde a aceitar suas repartições natureza-cultura, sujeito-objeto etc.

Estas propostas salvacionistas, de que restaurar um antigo estado de equilíbrio melhoraria as condições de vida dos seres humanos, parece-me tentar apagar a ideia do processo histórico que moldou o homem até os dias de hoje.

4.1.5 Papa-Capim em: a Natureza da Moral e a Moral da Natureza

Na edição 53, denominada Peixes, a aventura se inicia com Papa-Capim indo em direção de uma canoa que se encontra na borda de um rio. Sozinho e portando a sua inseparável lança, parte para a pescaria. De dentro da canoa ele tenta visualizar os peixes na água, ao avistar um, atira com força sua lança, mas não obtém sucesso. Contudo, ele persiste na atividade, observa novamente a água, vê outro peixe e faz o lançamento outra vez e a decepção anterior se repete – nada de peixe –, o que começa a lhe irritar. Na terceira tentativa frustrada, sua perseverança chega ao fim, pois além de tudo, sua lança desaparece na água. Furioso, Papa-Capim mergulha no rio. No fundo ele encontra a lança e ao pegá-la se surpreende com a diversidade e harmonia de vida que há debaixo da superfície: várias espécies de animais seguem nadando e/ou andando tranquilamente em sua volta (Figura 7).

Figura 7 – Papa-Capim iniciando sua reintegração, por baixo e pela esquerda o quadro harmonioso e soberano da diversidade natural.



Fonte: História em quadrinhos do Papa-Capim intitulada “Peixes”. In: MAURICIO DE SOUSA PRODUÇÕES. Chico Bento. São Paulo: Panini Comics, 2011, n.53, p.24.

Ele retorna do mergulho se agarrando ao barranco do rio e suspira *Ahh!*, dando a entender uma epifania: vira um tipo de harmonia sagrada que não se pode macular. Papa-Capim sai do rio e segue caminhando pela floresta e aparentemente tem uma ideia.

No quadro seguinte, podemos observar Jurema – uma índia menina pela qual Papa-Capim nutre um sentimento especial – e Papa-Capim sentados às margens do rio comendo frutas. Rapidamente percebe-se que a ideia que o menino teve anteriormente se tratava da resolução do problema de o que oferecer de comer a ela no encontro. Jurema ao pegar uma fruta do cesto exclama: *Hum...você sabe que eu adoro frutas, Papa-Capim...mas, quando você me convidou para comer aqui, na beira do ribeirão, pensei em outra coisa?*. E Papa-Capim pergunta: *Em que, Jurema?* A menina com a boca cheia responde: *Peixe frito... ou assado...* Papa-Capim olhando para o horizonte e com uma expressão pensativa diz: *Melhor não, Jurema! Melhor não!* (Figura 8). Finalizando a história.

Figura 8 – Papa-Capim e Jurema celebrando a moral do sábio ambientalista



Fonte: História em quadrinhos do Papa-Capim intitulada “Peixes”. In: MAURICIO DE SOUSA PRODUÇÕES. Chico Bento. São Paulo: Panini Comics, 2011, n.53, p.25.

Na representação de natureza desta edição o aparecimento de uma moral nobre se faz evidente. Podemos tomar como uma marca do pensamento moderno esse compromisso com a verdade e com o bem (produto da ação do homem bom) para com a natureza, possível graças à sabedoria do Papa-Capim.

O retorno do Papa-Capim à superfície, após ter mergulhado para recuperar sua lança, pode bem ser entendido como a escapada do escravo rumo à verdadeira luz da história do mito da caverna de Platão. Sua volta para a terra já não traz o mesmo sujeito da ação bélica, mas sim um reformado, educado e contemplativo sujeito cartesiano, ou como dito por Silva (2000, p. 14) o sujeito da “consciência crítica”, plenamente equipado para ser o “senhor soberano de suas reflexões e de seus atos” [...] trata-se, enfim, de um sujeito centrado, reflexivo e consciente. Um tipo especial de humano – sábio – que dotado de uma fabulosa capacidade política, deteria a singular capacidade de transitar entre o polo da natureza e o polo da sociedade/política.

Ponto de partida para qualquer projeto moderno que pressuponha ações coerentes e racionais. De resto, o sujeito soberano torna-se moral, e inextricavelmente atrelado a um eu profundo e a-histórico.

Essa moral, diz Nietzsche (2006), é oriunda da coragem e força em abandonar hábitos que o punham à margem de um tipo de humanidade desejável e

apaziguada, de uma linhagem disposta ao sacrifício particular em nome da harmonia ambiental.

Na história Papa-Capim renuncia a uma base tradicional de sua alimentação²² – os peixes – para o bem da natureza, uma ação moral, tal como outras em EA. O *insight* de Papa-Capim aparentemente resolve o problema, sua função primitiva de provedor (explicitada como função do macho da espécie) aparece de duas formas: a primeira por trazer à presença o alimento, a segunda aparece na lição, no ensinamento seguro, tácito dado na expressão serena do sábio: *melhor não Jurema! melhor não!*

É característico da EA almejar formar cidadãos que exerçam os valores do projeto moderno: tornar as pessoas mais humanas, conscientes e livres, sujeitos morais. Neste sentido, observa-se na história que Papa-Capim é a figura do sujeito disciplinado/ensinado, o sujeito capaz de pensar previamente sobre suas ações, de ter consciência de suas atitudes. Mas é bem aí que as perspectivas culturais nos permitem um alerta. Nietzsche (acima citado) já nos advertia para o equívoco e os perigos de tomarmos a boa moral como essencialmente útil, no seu mais alto grau. Para o filósofo, o pensamento moderno deixou de atentar que, junto a esse suposto valor da ideia do bom, caminha o poder de uma casta mais nobre de criar valores e demarcar hierarquias.

O Papa-Capim ao levar ao polo social os conhecimentos/leis da natureza, a fim de reformar o mundo social, ele se torna ao mesmo tempo “salvador” e legislador – uma vez que é ele quem vai decretar o que se pode ou não fazer com a natureza. Portanto, a expressão serena do personagem na última cena e na última fala quer ensinar a quem cabe a palavra final. Naturalmente bons passam a ser aqueles que se colocam em castas mais elevadas, que, por terem alcançado níveis superiores, estabelecem aos demais o que é bom e o que é ruim, com base em suas experiências e atos particulares. Ou seja, bom é o que parte de um eu profundo e natural e ruim é o que parte dos desejos superficiais e mal refletidos, neste caso, da fêmea Jurema que recebe, um tanto sem pedir, a lição.

Conforme argumenta Bauman (1998, p.8, grifos do autor):

²² Observa-se nas 43 HQs analisadas na primeira etapa deste estudo os peixes como o principal alimento dos índios na aldeia do Papa-Capim. Em várias histórias os personagens aparecem comendo peixes ou fazendo referência a ir pescar.

Nada predispõe “naturalmente” os seres humanos a procurar ou preservar a beleza, conservar-se limpo e observar a rotina chamada ordem. (Se eles parecem, aqui e ali, apresentar tal “instinto”, deve ser uma inclinação criada e adquirida, *ensinada*, o sinal mais certo de uma civilização em atividade.) Os seres humanos precisam ser obrigados a respeitar e apreciar a harmonia, a limpeza e a ordem. Sua liberdade de agir sobre seus próprios impulsos deve ser preparada.

Na lição, na pedagogia dessa HQ funciona a moral do bem nascido, capaz de construir ele mesmo sua felicidade e transmiti-la às demais pessoas, que precisam ser ensinadas a amar a natureza, a preservá-la, a se importar em controlar suas condutas. Como observa Henning (2008, p.212), a moral não é “um dado natural ou somente uma resposta contratual a uma necessidade social, mas é também o produto de um complexo jogo de forças que fabrica valores, juízos, interesses e condutas”. Ainda segundo a autora “é necessária uma relação direta entre educação e moral, já que essa ética somente pode ser fundada pela razão, e essa fundação é tarefa da ação educativa” (*Ibidem*, p.237).

Neste sentido, a Educação mostra-se um dos mais importantes instrumentos para a modernidade efetivar seus ideais, por meio dela opera-se os nossos desejados modos de existir (VEIGA-NETO, 2003). A serviço da ordem moral instituída se criam valores a serem seguidos pela coletividade, indicando ações, modos de se comportar e atuar no mundo, aqueles que se adaptam ao plano são considerados bondosos, conscientes, responsáveis – como o índio na história –, os que não se adaptam são vistos como perversos e/ou ignorantes. Como diz Latour (2004, p.41) a respeito das ecologias políticas – tanto dos epistemólogos (políticos), quanto dos ecologistas – “amorais, elas ditam a conduta moral em lugar da ética”.

Cumprido assinalar que a representação da HQ de um homem educado, respeitoso, solidário, enfim, disponível para a natureza é próprio do processo de racionalização moderno. O índio Papa-Capim constrangeu seus ímpetos naturais e como um homem moderno foi capaz de raciocinar, avaliar e censurar previamente suas ações, direcionando-as de modo a preservar a natureza. Tornar o homem primitivo ou bárbaro (no caso o índio) em um homem civilizado, almejar uma evolução de seu estado anterior, refere-se ao princípio moderno da humanização. “Na tentativa de arrancar os instintos mais selvagens dos indivíduos, a sociedade, através de diferentes instituições [...] acaba por compor propostas que buscam

tornar o sujeito humanizado, docilizado, governado, civilizado” (HENNING, 2008, p.215).

Nessa linha de pensamento a HQ acaba por colocar em prática uma maquinaria que auxilia o projeto civilizador moderno a ser reforçado. A moral serve, desse modo, como meio de anular qualquer coisa no sujeito que possa colocar em risco a harmonia da natureza como, por exemplo, os próprios instintos e paixões.

É a instituição dessa nobreza da moral do bom que devemos temer, devemos temer a esse homem manso (contemplativo e experiente) que forjando uma cultura superior, se coloque como apogeu e meta para os demais.

4.2 A Mauricio de Sousa Produções e seu “Comprometimento” com a Natureza

Ao analisar as HQs do Papa-Capim, procurei me deter também ao contexto, à cultura em que as HQs analisadas vinculam-se, uma vez que representações “têm sido fabricadas/utilizadas de acordo com os interesses políticos, econômicos, [...] dos grupos que as produzem” (LENOIR, 1997, p.55). Assim, procurei direcionar meu olhar não apenas ao texto, aos personagens, seus diálogos e os ambientes em que as tramas se desenvolvem, mas também entender o que produziu as representações de natureza que encontrei; examinar por que estas são apropriadas e acionadas nas HQs. Como ressalta Silva (2011, p.136): “Todas as formas de conhecimento são vistas como o resultado dos aparatos – discursos, práticas, instituições, instrumentos, paradigmas – que fizeram com que fossem construídas como tais”. Deste modo, o que fez com que as representações de natureza das HQs analisadas fossem construídas como tais – a ensinar modos de vida “ecologicamente corretos”?

O fator que justifica, de meu ponto de vista, explorar, mesmo que rapidamente, o contexto mercadológico nesta pesquisa é o fato dos discursos trazidos nas HQs estarem em estreita conexão com os interesses comerciais de tal instituição/corporação, isto é, são os interesses comerciais da MSP que “selecionam” os conhecimentos que são dignos ou não de serem apresentados aos seus leitores. Na atualidade, por exemplo, nos deparamos com uma enorme gama

de espaços sociais que abordam questões ecológicas. Tornou-se um lugar comum na sociedade contemporânea a preocupação com o meio ambiente. A poluição das águas, do ar e do solo, a devastação de florestas, a diminuição da biodiversidade são alguns dos tópicos em “pauta” na agenda de discussões da sociedade contemporânea. Mas não é à toa, como identifica Pereira (2010, p.12), que o discurso ambiental está na ordem do dia, constituindo-se como “o discurso padrão das organizações”. Segundo Latour (2000), a maneira mais simples de atrair e recrutar as pessoas para seus objetivos é deixar-se alistar por elas, ou seja, promover o que interessa a elas. Ao promover os interesses dos consumidores também se favorece os próprios. A vantagem desta “carona” está em tirar proveito de um discurso já forte na sociedade e explorá-lo ao máximo para ganhar lucros e ainda como recompensa ganhar o mérito de entretenimento responsável. Abordar nas HQs assuntos como a proteção do meio ambiente – entre tantos outros: tolerância à diversidade, alimentação saudável, prática de exercícios físicos e inclusão – é uma boa estratégia para ganhar fama de “boazinha” junto ao público. Utilizar essas temáticas é um modo de assegurar a identificação com o leitor. Assim como fazem também outras instâncias, ao reivindicar temas já difundidos como importantes no contexto da discussão ambiental, a MSP estabelece entre os consumidores o entendimento da empresa como sensível ao cenário socioambiental. Neste sentido, à guisa de exemplos, como a análise do discurso ecológico de um desenho animado da Discovery Kids, realizada por Wortmann, Ripoll e Possamai, na qual as autoras argumentam que “A associação de tais corporações com os discursos ecológicos e ambientalistas é, na verdade, apenas mais uma estratégia de fabricação e de captura de consumidores supostamente *responsáveis*” (WORTMANN; RIPOLL; POSSAMAI, 2012, p.282, grifo das autoras), defendendo que a MSP adota a temática ambiental ‘interessadamente’, como uma forma de vender seus produtos, afinal, há de se criar estratégias para cativar o público leitor. Como alega Giroux (2009), as grandes corporações empenham-se por meio de incansáveis esforços para promover a imagem de bondosas, inocentes, paternais e preocupadas com os princípios morais da sociedade, mas estariam agindo na verdade propositalmente para ganhar prestígio perante seus consumidores.

Ao se configurar como preocupada com problemas que afligem a sociedade contemporânea, a MSP garante uma legitimidade moral e pedagógica, tornando-se

um espaço autorizado para tal. Essa sua credibilidade permite-lhe lucrar amplamente; são mais de 3 mil produtos licenciados que utilizam os diversos personagens das HQs para estampar comidas, roupas, brinquedos etc. – o que corresponde a 70% do faturamento da empresa (CONGO, 2012), além de filmes, desenhos animados, shows de teatro, jogos, aplicativos, parques de diversões e tantos outros produtos que permeiam nosso cotidiano²³. Por este viés pode-se inferir que a MSP utiliza-se de suas HQs como carro-chefe a fim de cativar o consumidor com seus enredos e personagens “moralmente corretos”, para que seja possível transferir posteriormente essa idoneidade para seus produtos.

Mas não são somente as pessoas comuns que a MSP quer conquistar, seus interesses comerciais são muito maiores, ela quer conquistar também empresas e instituições governamentais nacionais e internacionais, o que faz com que ela invista na temática ambiental em vários setores (em desenhos animados, no teatro, nas redes sociais etc.), mas sempre utilizando como carro-chefe as HQs. Um exemplo disso foi a recente participação da MSP na Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável (Rio+20). Na ocasião, com o apoio do Ministério do Meio Ambiente, houve o lançamento do livro *Turma da Mônica, Cuidando do nosso Planeta*, que taticamente contava com uma edição especial em inglês distribuída para os delegados de diversos países que participavam da conferência (GEBRIM, 2012).

Por tais razões, parece-me que a MSP assemelhasse nesta configuração com outras grandes corporações como o McDonald's, Disney e Discovery Kids. Pesquisas realizadas por Steinberg e Kincheloe (2004), Kincheloe (2001), Giroux (2003; 2009), Wortmann, Ripoll e Possamai (2012) têm apontado que essas empresas criam currículos culturais eminentemente comerciais, que operam tendo em vista o lucro e não o bem social como pregam. De acordo com Steinberg e Kincheloe (2001, p. 15, grifo meu): “A pedagogia cultural é estruturada **por dinâmicas comerciais**, forças que se impõem em todos os aspectos a nós mesmos e às vidas privadas das nossas crianças [...]”. Vale dizer, neste sentido, que as

²³ Podemos notar o alcance da MSP na vida da população brasileira fazendo uma simples observação da enorme difusão de seus produtos nos shoppings, nos mercados, nos cinemas, nas bibliotecas escolares e, principalmente, dentro de nossos lares – na TV, em revistas, na publicidade e, mais recentemente, com grande força, na internet, por meio de sites, de seu canal no YouTube (o “turmadamonicaTV”) e das principais redes sociais do momento (o Twitter e o Facebook).

representações de natureza trazidas atualmente nestas HQs “filtram” o que é mais interessante comercialmente como uma estratégia para atrair seus consumidores para seus discursos. Por exemplo, explora-se ao máximo a ideia do “ecologicamente correto” porque ela vende – é “moda”. Há alguns anos podíamos observar facilmente nas HQs do Papa-Capim os personagens caçando/pescando animais – como nas edições 186, 190, 195, publicadas em 1994 pela editora Globo. Hoje, como verificou-se na edição 53, Papa-Capim desiste de pescar e de comer peixes para adotar uma postura “ecologicamente correta”. É evidente, desta forma, que não há nada inocente e despretensioso, que não há como separar o que é pertencente da esfera educacional, da esfera do entretenimento ou do contexto mercadológico, não há fronteiras entre um e outro. O âmbito comercial está atrelado ao educativo e vice-versa. Como argumenta Oliveira (2005, p.75), o caráter do discurso ambiental é híbrido, sendo “impossível separar claramente o que é uma representação de interesses de grandes corporações industriais das noções que representam a ecologia, as nuvens e as mercadorias”.

5 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nestas considerações finais, vale dizer que elas são um tanto provisórias, pois tudo está “sob rasura”²⁴ e, portanto, não tenho pretensão de fazer ponderações fixas e incontestáveis, o que tento fazer são apenas alguns apontamentos acerca das tramas tecidas nesta dissertação. Nessa fase final sou tomada por essa estranha sensação de incompletude, de que ficam lacunas, de algo que não foi dito ou que poderia ter sido dito melhor ou de modo diferente, mas neste espaço-tempo que me encontro são as considerações abaixo que despontaram como importantes.

Na aventura empreendida nesta pesquisa, de analisar representações de natureza, pude perceber, partindo da interpretação que fiz do objeto de estudo em questão – com base nos referenciais teóricos adotados –, que a Educação Ambiental desta pedagogia cultural coloca em circulação uma série de significados que legitimam “natureza” como algo racionalmente separado da existência humana, como “o mundo da ordem biológica, essencialmente boa, pacificada, equilibrada, estável em suas interações ecossistêmicas, a qual segue vivendo como autônoma e independente da interação com o mundo cultural humano” (CARVALHO, 2008, p.35).

Tendo seguido esta investigação por um viés do discurso pós-estruturalista, assumi que quando algo é descrito, explicado em um discurso, a linguagem está instituindo algo como existente de tal ou qual forma (COSTA, 2002), ou seja, não há como separar a descrição simbólica, linguística da realidade que se tenta descrever ou explicar. Ao descrever uma forma de natureza, as HQs da Mauricio de Sousa Produções, de certo modo, inventam uma certa estirpe de sujeito e de natureza. Neste sentido, o discurso ambiental das HQs não simplesmente fala sobre a natureza, mas, antes, a constitui como tal. Defendo, portanto, que as HQs do Papa-Capim são uma das formas contemporâneas de produzir culturalmente o que se entende por natureza, que elas estão ajudando a fixar – simetricamente a outras

²⁴ O conceito de “rasura”, popularizado nos Estudos Culturais por meio dos escritos de Hall (1997), permite entender a fluidez dos discursos, práticas, identidades etc. No mundo contemporâneo, estas coisas não são essenciais e estáveis/fixas, elas se transformam continuamente em relação com as redes de significação que estão imersas. Deste modo, as verdades passam a ser provisórias e problemáticas.

instâncias culturais, como por exemplo, a escola – a concepção moderna de natureza, mantendo a ideia de uma natureza-objeto, uma “coisa-em-si”. Concordo com Latour (2004), que o ato/trabalho de produção é o preceito e a condição que sustenta a crença na transcendência moderna da natureza, de que há uma natureza “lá fora”, uma unidade, algo fixo, estável, imutável, “natural”, que não conta nem com nossas paixões nem com nosso desejo, pois isso seria do domínio social.

Neste contexto de produção cultural de natureza, as evidências modernas que mais se destacaram, por apresentarem grande repetitividade nas HQs, foram as sensibilidades naturalistas e românticas dos personagens para com o meio onde vivem; o engajamento militante destes em prol da defesa da floresta e dos animais; a conduta, a responsabilidade e ética individuais antropocêntricas que apelam exclusivamente à razão (tomada intrinsecamente como isenta de interesses); e, os projetos ecológicos emancipatórios, que querem invadir, ou criar nossa subjetividade, que tentam nos convencer de que devemos nos transformar em algo melhor, que devemos mudar nossas condutas sociais e morais para nos tornarmos sujeitos ecológicos.

O mundo retratado nas HQs é transparente, onde nada de obscuro ou irracional se coloca no caminho do olhar do homem de saber superior; um mundo em que nada pode estragar a harmonia e a beleza do quadro utópico de perfeição/pureza dos modernos. É manifesto nos enredos esta vontade de impor a ordem humana na vida que segue desordenada.

Nas cinco edições analisadas notei a natureza sendo retratada como uma “reserva” de verdade, um ideal estético e moral. Esta posição se expressou nas inúmeras críticas/denúncias ao modo de vida do homem branco – morador das cidades –, às intervenções destes na floresta, à apropriação dos recursos naturais indiscriminadamente, à violência contra animais, plantas, e outros; contrastando com o modo de vida dos índios, que convivem em harmonia com a natureza. Todavia, o ideário ecológico “inserido” no índio Papa-Capim e Cia. revelou uma racionalidade ambiental utilitarista própria dos ocidentais – é marcante a separação entre o homem e a natureza: de um lado o homem possuidor da razão, o sujeito; do outro a natureza como meio físico subserviente ao homem, o objeto.

Insistentemente o personagem Papa-Capim surgiu na figura heroica do sábio, aquele que, por viver em perfeita harmonia e integração com a natureza,

relacionando-se intimamente com seus segredos, possuiria um saber superior a respeito do assunto, uma visão mais “rica” que o caçara, e isso lhe permitiria/autorizaria trazer a luz (verdade) para os que se encontram na escuridão da ignorância – no caso, não apenas o caçara, mas também o leitor, uma confiança que é a insígnia do sujeito moderno, daquele que julga ter não apenas o saber mais racional, mas também o qualitativamente melhor (LATOOUR, 2002). As HQs seriam nesse vislumbre um espaço em que se deseja civilizar, moralizar e humanizar as pessoas, nos libertar da menoridade/ignorância quanto as relações com a natureza.

Como o sujeito cognoscente, Papa-Capim exclui as concepções de natureza que não se encaixam na lógica da purificação. Posto assim, posso argumentar que os discursos pedagógicos dessas HQs ensinam que não há lugar em nossa sociedade para as concepções humanas de natureza diferentes da moderna e convidam o leitor a fazer sua parte para salvar o planeta: engajar-se contra os que não vivem em integração com a natureza – como aquela supostamente vivenciada pelos índios. Assinlo, em vista disso, que as histórias são produções culturais potentes que vêm ensinando modos de vida “ecologicamente corretos”.

Há uma pretensão, portanto, de engendrar um padrão às pessoas, de legislar como elas devem ou não agir, ambicionando estabelecer um monoculturalismo, ou seja, convertendo a cultura dominante (moderna) – presumidamente formada de homens brancos, heterossexuais, cristãos, de um segmento de classe média, que vivem em um ambiente urbano – a uma cultura modelo, desqualificando e/ou hierarquizando como inferior/primitivas outras culturas e seus respectivos conhecimentos como não desejáveis (LATOOUR, 2002). Assim, a partir de determinados regimes de verdade, as HQs determinam uma postura ético-política frente a essas questões ambientais.

Assumindo a aceitação dos Estudos Culturais de que “os nossos atos, as maneiras de narrar acontecimentos, os modos de vermos a nós mesmos e aos outros, tudo isso, são negociações que vamos estabelecendo diariamente com os significados que nos interpelam através da cultura” (GUIMARÃES, 2006, s/n), é que entendo que estas representações, trazidas nas HQs descritas, contribuem para que esta noção moderna de natureza vá tomando força como uma verdade universal.

Compreendo que há necessidade de colocarmos em suspenso estes tipos de representação, estas metanarrativas de noções totalizantes – como a razão, a

consciência, o progresso etc. – que aprendemos a aceitar e que estão se corporificando em nossa cultura, para possibilitar novos pensares e outros modos de conceber o mundo social. Não podemos esquecer que em um mesmo momento histórico, diferentes representações culturais de natureza circulam pelas sociedades e que a moderna é apenas uma delas e não é a única maneira possível de conceber a realidade. Como argumenta Latour (2004), a modernidade não é uma realidade, mas uma interpretação da realidade na qual a busca pela purificação leva à hibridização em vez da “colocação em ordem”. Compartilho com este autor o entendimento de que o racionalismo moderno é incapaz de tematizar a complexidade do mundo atual, as inseguranças vivenciadas quanto às atuais questões ambientais, porque estas derrubam os limites da divisão moderna, misturam normas, enunciados científicos, processos biológicos, ética, tradições culturais etc., e como coloca Bauman (1998, p.28), “quando se traçam linhas divisórias e se separa o assim dividido, tudo o que borra as linhas e atravessa as divisões solapa esse trabalho e destroça-lhes os produtos”. Neste sentido, desejo que as problematizações trazidas neste escrito possam, talvez, provocar os sujeitos a olhar a EA para além da visão moderna, que elas deem a pensar este campo de saber por outros modos e em outros espaços. Como enuncia Veiga-Neto (2007, p.24), me darei por satisfeita se este texto contribuir para que o leitor “não aceite automática e silenciosamente, de modo não problemático, as grandes declarações de princípios que vêm há séculos dando sustentação ao mundo moderno [...]”.

Busquei demonstrar também nesta pesquisa, admitindo que segui enquanto senda de estilo metodológico a direção das análises críticas de Giroux (2001), que amalgamado à aparência de aventura, entretenimento e inocência das HQs, há a tentativa de manter em funcionamento um discurso ambiental amplamente conservador e colonial em sua produção de valores, que tem relações intimamente ligadas ao contexto mercadológico. Saliento, todavia, que minha intenção com essa dissertação não foi a de instituir um caráter negativo à MSP, tampouco propor que devemos parar de ler seus quadrinhos, ou que se deva abordar a temática de outra forma. O que busquei apresentar foi apenas que as histórias comunicam uma visão, que elas ensinam a ver as coisas de certa maneira, mostram a realidade a partir de certo ponto de vista, o que conseqüentemente dá visibilidade a certas coisas e não a

outras, reforçando aquilo que costumamos pensar como normal e verdadeiro para a natureza. Algo que também se pode encontrar em outros meios de comunicação.

Espero ainda que esta pesquisa possa se somar às discussões de que os ensinamentos extrapolam os ambientes oficiais de ensino, pois entendo que os discursos que circulam nas HQs são pedagógicos e ensinam de forma prazerosa e eficaz vários assuntos além de natureza; exemplos são as representações de etnia, gênero e infância. Neste sentido, este produto cultural se configura como uma importante fonte para debates. Afinal, que outros modos de subjetivação podem ser promovidos pelas representações destas HQs? A modernidade também está presente nestes outros vieses dos enredos? Até que ponto este meio de comunicação se apodera dos discursos da Ciência para validar suas representações? Analisar um meio de comunicação que vem nos ensinando modos de ver, ser e estar no mundo parece-me algo relevante e provocativo.

Finalizando meus apontamentos, fico agora na expectativa de que o empreendimento de articular os Estudos Culturais à Educação Ambiental se repita, de formas distintas, em minhas pesquisas futuras, pois este desafio mostrou-se muito produtivo e gratificante.

REFERÊNCIAS

AMARAL, M. B. **Representações de natureza na educação pela mídia**. 1997. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre.

BATISTELA, A. C.; BONETI, L. W. A Relação Homem/Natureza no pensamento moderno: Repercussões Educacionais, In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 8. Curitiba, **Anais...** Curitiba: Editora Champagnat, 2008. Disponível em: <http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2008/anais/pdf/1424_959.pdf>. Acesso em: 13 maio. 2013.

BAUMAN, Z. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2008.

BEST, S.; KELLNER, D. **Postmodern Theory: critical interrogations**. New York: The Guilford Press, 1991.

BRAUN, M. C. **Do vale das matas nativas ao vale do progresso**: um estudo sobre as representações de ambiente em comunidade de imigrantes alemães. 1999. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre.

BICCA, A. D. N. **Virtualização em destaque**: representações de tecnologias na pedagogia da publicidade. 2001. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre.

BUJES, M. I. E. Descaminhos. In: COSTA, M. V. (Org.). **Caminhos Investigativos I**: novos olhares na pesquisa em educação. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

CARVALHO, I. C. M. **A invenção do sujeito ecológico**: sentidos e trajetórias em educação ambiental. 2001. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre.

CARVALHO, I. C. M. **Educação ambiental**: a formação do sujeito ecológico. São Paulo: Editora Cortez, 2008.

CASTRO, B. J. **Uma análise das histórias em quadrinhos do Papa-Capim**: o que suas representações nos ensinam sobre índio. 2013. Trabalho de conclusão (Graduação em Pedagogia). Universidade Estadual de Ponta Grossa. Ponta Grossa.

CASTRO, B. J.; OLIVEIRA, M. A. Lições de natureza em uma história em quadrinhos. **Textura**. Canoas, n.27, p.52-63, 2013. Disponível em: <<http://www.periodicos.ulbra.br/index.php/txra/article/view/950>>. Acesso em: 02 nov. 2013.

CHIZZOTTI, A. A pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais: evolução e desafios. **Revista Portuguesa de Educação**, Braga, v.16, n.2, p.221-236, 2003. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=37416210>>. Acesso em: 02 mar. 2013.

CONGO, M. Turma da Mônica: uma marca com mais de 3 mil produtos. **Jornal O Estado de São Paulo** (Estadão), São Paulo, 14 jun. 2012. Disponível em: <<http://economia.estadao.com.br/especiais/turma-da-monica-uma-marca-com-mais-de-3-mil-produtos,172327.htm>>. Acesso em: 08 fev. 2013.

COSTA, J. M; RICHETTI, P. O natural e o social na crise ambiental: Reflexões sobre a relação sociedade-natureza. **Ecologia austral**. Buenos Aires, v.21, n.3, p.363-368, 2011. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=37416210>>. Acesso em: 02 mar. 2013.

COSTA, M. V. (Org.). **Estudos culturais em educação**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2000.

_____. Pesquisa-ação, pesquisa participativa e política cultural da identidade. In: COSTA, M. V. (Org). **Caminhos investigativos II**: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p.93-118.

CRUZ, D. N. A discussão filosófica da modernidade e da pós-modernidade. **Revista Eletrônica Μετάνοια**, São João del-Rei, n.13, p.36-46, 2011. Disponível em: <http://www.ufsj.edu.br/_portal2-repositorio/File/revistalable/3_DANIEL_NERY_DA_CRUZ.pdf>. Acesso em: 02 mar. 2013.

DAZZI, M. D. B. **Prevenir é sempre melhor**: representações de HIV/AIDS nos vídeos produzidos pelo ministério da saúde. 2002. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre.

DESCOLA, P. Animais, plantas, natureza:os direitos do meio ambiente. **Jornal La Republica**, Entrevista concedida a Marino Niola, 2011. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/46229-animais-plantas-natureza-os-direitos-do-meio-ambiente-entrevista-com-philippe-descola>>. Acesso em: 15 jul. 2012.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. **O planejamento da pesquisa qualitativa**: teorias e abordagens. Porto Alegre: Artmed, 2006.

DULAC, E. B. F. **Beleza, sedução e juventude**: a revista do globo ensinando feminilidade. 2002. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre.

FELIZOLA, M. C. M. **Lacan e o estruturalismo**. 2000. Dissertação (Mestrado em Filosofia). Universidade federal de São Carlos. São Carlos. Disponível em: <<http://www.dfmc.ufscar.br/uploads/publications/4f05d7a9603b0.pdf>>. Acesso em: 29 maio 2013.

FERREIRA, M. **O cotidiano, o meio ambiente e o nacionalismo instituindo ações educativas de uma empresa estatal**. 2002. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre.

FISCHER, R. M. B. Identidade, cultura e mídia: a complexidade de novas questões educacionais na contemporaneidade. In: SILVA, L. H. (Org.). **Século XXI**: Qual conhecimento? Qual currículo? Rio de Janeiro: Petrópolis, Vozes, 1999.

GARRÉ, B. H.; HENNING, P. C. Problematizando a produção de alguns discursos de Educação Ambiental na mídia impressa: análises foucaultianas. **Revista eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**. Rio Grande, v.27, n.2, 2011. Disponível em: <<http://www.seer.furg.br/remea/article/view/3240/1927>>. Acesso em: 10 out. 2013.

GARRÉ, B. H.; HENNING, P. C. O enunciado de terror e medo pela perda do planeta: modos de constituir o discurso de crise ambiental na atualidade. In:

REUNIÃO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO, 36., Goiânia, **Anais...** Goiânia: UFG, 2013. Disponível em: <http://36reuniao.anped.org.br/pdfs_trabalhos_aprovados/gt22_trabalhos_pdfs/gt22_2754_texto.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2013.

GEBRIM, S. A mais nova aventura dos personagens de Maurício de Sousa mostra como crianças e adolescentes podem contribuir na preservação do meio ambiente. **Informativo do Ministério do Meio Ambiente**, 21 Jun. 2012. Disponível em: <<http://www.mma.gov.br/informma/item/8459-a-onda-verde-da-turma-da-m%C3%B4nica>>. Acesso em: 29 de maio de 2013.

GEERTZ, C. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

GONÇALVES, J. C. Homem-Natureza: Uma relação conflitante ao longo da história. **Saber Acadêmico**, v.17, n.6, 2008. Disponível em: <<http://www.uniesp.edu.br/revista/revista6/pdf/17.pdf>>. Acesso em: 20 de maio de 2013.

GUIMARÃES, L. B. **A natureza na arena cultural**. In: A Página da Educação. Ano 15, n.155. 2006. Disponível em: <<http://www.apagina.pt/?aba=7&cat=155&doc=11474&mid=2>>. Acesso em: 10 nov. 2013.

GIROUX, H. Ensinando o cultural com a Disney. In: GIROUX, H. **Atos impuros: a prática política dos Estudos Culturais**. Porto Alegre: Artmed, 2003. p.127-147.

_____. Memória e pedagogia no maravilhoso mundo da Disney. In: SILVA, T. T. (Org.). **Alienígenas na Sala de Aula: uma introdução aos Estudos Culturais em educação**. Rio de Janeiro: Vozes, 2009. p.132-158.

GIROUX, H.; MCLAREN, P. Por uma pedagogia crítica da representação. In: SILVA, T. T.; MOREIRA, M. A. (Org.). **Territórios contestados: O currículo e os novos mapas políticos e culturais**. Petrópolis: Vozes, 1995.

GRÜN, M. **Ética e educação ambiental: a conexão necessária**. Campinas: Papyrus, 2011.

HALL, S. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v.22, n.2, p.15-46, 1997.

HALL, S. The Work of Representation. In: HALL, S. (Org.) **Representation: Cultural representations and signifying practices**. London/Thousand Oaks/New Delhi: Sage/Open University, 1997. p.15-74.

HENNING, P. C. Profanando a Ciência: relativizando seus saberes, questionando suas verdades. **Currículo sem Fronteiras**, Porto Alegre, v.7, n.2, p.158-184, 2007. Disponível em: <<http://www.curriculosemfronteiras.org/vol7iss2articles/henning.pdf>>. Acesso em: 15 jun 2013.

HENNING, P. C. **Efeitos de sentido em discursos educacionais contemporâneos**: produção de saber e moral nas ciências humanas. 2008. Tese (Doutorado em Educação). Universidade do Vale do Rio dos Sinos. São Leopoldo.

KELLNER, D. **A cultura da mídia**. Bauru: EDUSC, 2001.

KESSELRING, T. O conceito de natureza na história do pensamento ocidental. **Episteme**, n.11, 2000.

KINDEL, E. A. I. **A natureza no desenho animado ensinando sobre homem, mulher, raça, etnia e outras coisas mais...** 2003. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre.

KINCHELOE, J. L. McDonald's, poder e criança: Ronald McDonald (também conhecido como Ray Kroc) faz tudo por você. In: STEINBERG, S.; KINCHELOE, J. (Org.). **Cultura infantil: a construção corporativa da infância**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001. p.385-412.

LARROSA, J. **La experiencia de la lectura**: estudios sobre literatura y formación. Barcelona: Laertes, 1998.

LARROSA, J. Leer es traducir. Notas sobre la condición babélica de la lengua. In: GONZALEZ LUIS, K. (Org.). **Hilos y laberintos**: irrupciones pedagógicas. Madrid: Miño y Dávila, 2003. p.43-56.

_____. **Nietzsche e a educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

LARRÈRE, C. Como se podem pensar hoje as relações entre o ser humano e a natureza. **Educação, Sociedade e Cultura**. n.21. 2003. Disponível em: <<http://www.fpce.up.pt/ciie/revistaesc/ESC21/21-9.pdf>>. Acesso em: 15 jun 2012.

LATOURETTE, B. **A esperança de Pandora**. Bauru: EDUSC, 2001.

_____. **Ciência em ação**: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

_____. **Jamais Fomos Modernos**: Ensaio de Antropologia Simétrica. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.

_____. **Políticas da natureza**: como fazer ciência na democracia. Bauru: EDUSC, 2004.

_____. **Reflexão sobre o culto moderno dos Deuses Fe(i)tiches**. Bauru: EDUSC, 2002.

LAYRARGUES, P. P. Determinismo biológico: o desafio da Alfabetização Ecológica na concepção de Fritjof Capra. In: ENCONTRO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL , 2., São Carlos. **Anais...** São Carlos: UFSCAR, 2003.

LENOIR, T. A ciência produzindo a natureza: o museu de história naturalizada. **Episteme**, Porto Alegre, v.2, n.4, p.55-72, 1997.

LEPARGNEUS, H. **Introdução ao estruturalismo**. São Paulo: Editora Cultural Ltda., 1970.

LYOTARD, Jean-François. **A Condição Pós-Moderna**. Lisboa: Gradiva, 1989.

LIMA, B. P. Mauricio de Sousa faz parceria digital e investe R\$ 15 milhões. **Jornal o Estado de São Paulo - Estadão**, São Paulo, 29 mar. 2011. Disponível em: <<http://economia.estadao.com.br/noticias/neg%C3%B3cios,mauricio-de-sousa-faz-parceria-digital-e-investe-r-15-milhoes,60627,0.htm>>. Acesso em: 08 fev. 2012.

MARTÍN-BARBERO, J. Dos meios às mediações. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

MOMO, M. **Mídia e consumo na produção de uma infância pós-moderna que vai à Escola**. 2007. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre.

NELSON, C.; TREICHLER, P. A.; GROSSBERG, L. Estudos Culturais: uma introdução. In: SILVA, T.T. (Org.) **Alienígenas na sala de aula**: uma introdução aos Estudos Culturais em educação. Rio de Janeiro: Vozes, 2009. p.07-38.

NIETZSCHE, F. **Genealogia da moral**: uma polêmica. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

_____. **Sobre a verdade e a mentira no sentido extra-moral**. São Paulo: Herdra, 2008.

OLIVEIRA, M. A. A construção dos enunciados ambientais no currículo, na perspectiva da vontade de verdade. **Semina**, Londrina, v.26, n.1, p.71-86, 2005. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/seminasoc/article/view/3798>>. Acesso em: 08 fev. 2012.

PALHARINI, L. Conhecimento disciplinar: (im)possibilidades do discurso sobre a problemática ambiental. **Pesquisa em Educação Ambiental**, v.2, n.2, p.29-48, 2007. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/pea/article/viewFile/30028/31915>>. Acesso em: 07 out. 2012.

PEREIRA, E. S. Isso não tem importância: eventos e sustentabilidade na sociedade do espetáculo. **Communicare**, São Paulo, v.10, n.1, p.90-107, 2010. Disponível em: <http://www.casperlibero.edu.br/rep_arquivos/2010/04/06/1270600731.pdf>. Acesso em: 08 fev. 2013.

PETERS, M. **Pós-estruturalismo e Filosofia da diferença**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2000.

PILLOTO, F. **As representações de práticas corporais desportivas em jornais de circulação diária**. 1999. Dissertação (Mestrado de Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre.

PIMENTEL, C. P. **Crise Ambiental e Modernidade**: da oposição entre natureza e sociedade à multiplicação dos híbridos. 2003. Dissertação (Mestrado em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social). Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro.

SAMPAIO, S. M. V; WORTMANN, M. L. Ecoalfabetização: ensinando a ler a natureza. **Pesquisa em Educação Ambiental**. v.2, n.2, p.133-152, 2007. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/pea/article/view/30033/31920>> Acesso em: 25 jan. 2013.

SILVA, T. T. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

_____. Dr. Nietzsche, curricularista – com uma pequena ajuda do professor Deleuze. In: REUNIÃO DA ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO. 24. 2001, Caxambu. **Anais...** Caxambu: ANPED, 2001. Disponível em: <http://www.anped.org.br/reunioes/24/T1_299570907599.doc.> Acesso em: 23 jan. 2013.

_____. **Teoria cultural e educação**: um vocabulário crítico. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

_____. Pedagogia e auto-ajuda: o que sua auto-estima tem a ver com poder? In: SCHMIDT, S (Org.). **A educação em tempos de globalização**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001, p.41-44.

_____. Monstros, ciborgues e clones: os fantasmas da Pedagogia Crítica. In: COHEN, J. J. (Org.). **Pedagogia dos monstros**: os prazeres e os perigos da confusão de fronteiras. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p.11-22.

SILVEIRA, R. M. H. **Cultura, Poder e Educação**: Um debate sobre Estudos Culturais e Educação. Canoas: Editora da ULBRA, 2006.

SOUSA, M. Entrevista concedida a Fabio Maleronka Ferron e Georgia Nicolau. **Projeto Produção Cultural no Brasil**, São Paulo, 09 jun. 2010. Disponível em: <<http://www.producaocultural.org.br/wp-content/uploads/livroremix/MauriciodeSousa.pdf>> Acesso em: 17 fev. 2013.

_____. Entrevista concedida a Cristiana de Almeida Fernandes. In: FERNANDES, C. A. **O mito Em Chico Bento e Papa-Capim**. 2006. Dissertação (Mestrado em Design). Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/tesesabertas/0410889_06_po_stextual.pdf> Acesso em: 17 fev. 2013.

STEINBERG, S. R. A mimada que tem tudo. In: STEINBERG, S. R.; KINCHELOE, J. L. (Org.). **Cultura infantil: a construção corporativa da infância**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001. p.321-338.

STEINBERG, S.; KINCHELOE, J. L. Sem segredos: cultura infantil, saturação de informação e infância pós-moderna. In: STEINBERG, S. R.; KINCHELOE, J. L. (Org.). **Cultura infantil: a construção corporativa da infância**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001. p.9-52.

STRELOW-LIMA, I. C. **Conhecer para colonizar/colonizar para conhecer: a natureza no discurso de ecoturismo**. 2001. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre.

TAVOLARO, S. B. F. “À Sombra do Mato Virgem...” Natureza e Modernidade em uma Abordagem Socióloga Brasileira. **Ambiente & Sociedade**, Campinas, v.11, n.2, 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/asoc/v11n2/v11n2a05.pdf>>. Acesso em: 22 jan. 2013.

VEIGA-NETO, A. Ciência, ética e educação ambiental em um cenário pós-moderno. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v.19, n.2, p.142-164, 1994.

_____. Olhares... In: COSTA, M. V. (Org). **Caminhos investigativos I: novos olhares na pesquisa em educação**. Rio de Janeiro: Lamparina editora, 2007.

WORTMANN, M. L. C. Análises culturais – um modo de lidar com histórias que interessam à educação In: COSTA, M. V. (org.). **Caminhos Investigativos I: novos olhares na pesquisa em educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

_____. O currículo na literatura infanto-juvenil: uma incursão à Escola Hogwarts e ao mundo de Harry Potter. **Currículo sem Fronteiras**, Porto Alegre, v.11, n.2,

p.162-178, 2011. Disponível em: <<http://www.curriculosemfronteiras.org/vol11iss2/articles/wortmann.pdf>>. Acesso em: 22 jan. 2013.

_____. (Re)inventando a Educação a partir dos Estudos Culturais – notas sobre a articulação desses campos no ambiente universitário gaúcho. In: SARAIVA, K.; MARCELLO, F. A (Org). **Estudos Culturais e Educação**: desafios atuais. Canoas: Editora da ULBRA, 2012.

WORTMANN, M. L. C.; RIPOLL, D.; POSSAMAI, L. Educação ambiental corporativa para ciranças: analisando a animação Peixonalta do Discovery Kids. **Perspectiva**, Florianópolis, v.30, n.2, p.371-394, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/download/2175-795X.2012v30n2p371/pdf_1> Acesso em: 25 jan. 2013.

HISTÓRIAS EM QUADRINHOS ANALISADAS

MAURICIO DE SOUSA PRODUÇÕES. Papa-Capim: a água está longe ou perto de mais? In: _____. **Chico Bento**. São Paulo: Panini Comics, 2010. n.47, p.48-55.

_____. Papa-Capim e Cafuné: A boca de Tupã. In: _____. **Chico Bento**. São Paulo: Panini Comics, 2008. n.19, p.26-32.

_____. Papa-Capim: Aprendi com... In: _____. **Chico Bento**. São Paulo: Panini Comics, 2012. n.63, p.23-29.

_____. Papa-Capim: Câmeras In: _____. **Chico Bento**. São Paulo: Panini Comics, 2010. n.39, p.36-39.

_____. Papa-Capim: Cari Capenga. In: _____. **Chico Bento**. São Paulo: Panini Comics, 2012. n.66, p.47-55.

_____. Papa-Capim: Clica e captura. In: _____. **Chico Bento**. São Paulo: Panini Comics, 2011. n.50, p.46-53.

MAURICIO DE SOUSA PRODUÇÕES. Papa-Capim: Colchão de molas. In: _____. **Chico Bento**. São Paulo: Panini Comics, 2007. n.12, p.51-56.

_____. Papa-Capim: Corra, que vem coisa aí!! In: _____. **Chico Bento**. São Paulo: Panini Comics, 2010. n.42, p.41-46.

_____. Papa-Capim: De que bicho é mesmo? In: _____. **Chico Bento**. São Paulo: Panini Comics, 2010. n.38, p.13-16.

_____. Papa-Capim: Debaixo de cada árvore. In: _____. **Chico Bento**. São Paulo: Panini Comics, 2011. n.49, p.22-25.

_____. Papa-Capim: Descendo a ladeira. In: _____. **Chico Bento**. São Paulo: Panini Comics, 2007. n.08, p.36-40.

_____. Papa-Capim: Estilingue. In: _____. **Chico Bento**. São Paulo: Panini Comics, 2012. n.62, p.32-33.

_____. Papa-Capim: Flechada não! In: _____. **Chico Bento**. São Paulo: Panini Comics, 2011. n.51, p.54-56.

_____. Papa-Capim: Indecisão sempre acaba em confusão. In: _____. **Chico Bento**. São Paulo: Panini Comics, 2012. n.64, p.38-45.

_____. Papa-Capim: Na rede! In: _____. **Chico Bento**. São Paulo: Panini Comics, 2008. n.15, p.30-32.

_____. Papa-Capim: Não assusta, vai! In: _____. **Chico Bento**. São Paulo: Panini Comics, 2009. n.34, p.16-22.

_____. Papa-Capim: Numa tribo distante. In: _____. **Chico Bento**. São Paulo: Panini Comics, 2009. n.26, p.25-29.

_____. Papa-Capim: Onças-pintadas e não-pintadas. In: _____. **Chico Bento**. São Paulo: Panini Comics, 2007. n.03, p.38-45.

_____. Papa-Capim: O homenzinho. In: _____. **Chico Bento**. São Paulo: Panini Comics, 2008. n.13, p.37-40.

MAURICIO DE SOUSA PRODUÇÕES. Papa-Capim: Peixes. In: _____. **Chico Bento**. São Paulo: Panini Comics, 2011. n.53, p.22-25.

_____. Papa-Capim: Protetores e protetoras. In: _____. **Chico Bento**. São Paulo: Panini Comics, 2007. n.02, p.27-30.

_____. Papa-Capim: Quero fazer alguma coisa melhor do que você! In: _____. **Chico Bento**. São Paulo: Panini Comics, 2009. n.28, p.40-50.

_____. Papa-Capim: Olha nós na fita! In: _____. **Chico Bento**. São Paulo: Panini Comics, 2010. n.43, p.40-55.

_____. Papa-Capim: O que vier pela frente! In: _____. **Chico Bento**. São Paulo: Panini Comics, 2007. n.07, p.44-46.

_____. Papa-Capim: O segredo do cacique In: _____. **Chico Bento**. São Paulo: Panini Comics, 2008. n.21, p.48-55.

_____. Papa-Capim: Tá me seguindo por quê? In: _____. **Chico Bento**. São Paulo: Panini Comics, 2009. n.27, p.41-49.

_____. Papa-Capim: Tem uma cara muito feia lá fora! In: _____. **Chico Bento**. São Paulo: Panini Comics, 2011. n.52, p.44-50.

_____. Papa-Capim: Uma flor combina com que? In: _____. **Chico Bento**. São Paulo: Panini Comics, 2011. n.54, p.48-51.

_____. Papa-Capim: Uma lua para Potira! In: _____. **Chico Bento**. São Paulo: Panini Comics, 2010. n.46, p.24-29.

_____. Papa-Capim: Vara de pesca. In: _____. **Chico Bento**. São Paulo: Panini Comics, 2007. n.01, p.30-33.

_____. Papa-Capim: Não é um bicho, não! In: _____. **Chico Bento**. São Paulo: Panini Comics, 2007. n.06, p.20-24.

_____. Papa-Capim: O que foi que esqueceram ali? In: _____. **Chico Bento**. São Paulo: Panini Comics, 2007. n.10, p.28-32.

MAURICIO DE SOUSA PRODUÇÕES. Papa-Capim: Os gritadores. In: _____. **Chico Bento**. São Paulo: Panini Comics, 2007. n.09, p.44-51.

_____. Papa-Capim: Pena é pra quê?! In: _____. **Chico Bento**. São Paulo: Panini Comics, 2008. n.14, p.50-54.

_____. Papa-Capim: Pesca. In: _____. **Chico Bento**. São Paulo: Panini Comics, 2012. n.65, p.58.

_____. Papa-Capim: Pintura de guerra. In: _____. **Chico Bento**. São Paulo: Panini Comics, 2008. n.24, p.30-32.

_____. Papa-Capim: Pra cima...pra baixo. In: _____. **Chico Bento**. São Paulo: Panini Comics, 2011. n.60, p.22-27.

_____. Papa-Capim: Se a canoa não virar. In: _____. **Chico Bento**. São Paulo: Panini Comics, 2010. n.45, p.45-51.

_____. Papa-Capim: "sem título". In: _____. **Chico Bento**. São Paulo: Panini Comics, 2011. n.59, p.57.

_____. Papa-Capim: Olha o que fizemos com a árvore que caiu! In: _____. **Chico Bento**. São Paulo: Panini Comics, 2009. n.25, p.30-33.

_____. Papa-Capim: Um passeio de barco. In: _____. **Chico Bento**. São Paulo: Panini Comics, 2009. n.30, p.38-43.

_____. Papa-Capim: Viram! Então, fujam! In: _____. **Chico Bento**. São Paulo: Panini Comics, 2011. n.56, p.37-41.

_____. Papa-Capim: Você viu, não viu? In: _____. **Chico Bento**. São Paulo: Panini Comics, 2009. n.35, p.51-56.

APÉNDICE

APÊNDICE A

Quadro 1 – As HQs analisadas na pesquisa

TÍTULO DA HQ DO PAPA-CAPIM	EDIÇÃO DA HQ DO CHICO BENTO	MÊS/ANO DA PUBLICAÇÃO
Papa-Capim em: Vara de pesca.	Edição 01	Jan / 2007
Papa-Capim em: Protetores e protetoras.	Edição 02	Fev / 2007
Papa-Capim: Onças-pintadas e não-pintadas.	Edição 03	Mar / 2007
Papa-Capim: Não é um bicho, não!	Edição 06	Jun / 2007
Papa-Capim em: O que vier pela frente!	Edição 07	Jul / 2007
Papa-Capim em: Descendo a ladeira.	Edição 08	Ago / 2007
Papa-Capim em: Os gritadores.	Edição 09	Set / 2007
Papa-Capim em: O que foi que esqueceram ali?	Edição 10	Out / 2007
Papa-Capim e o Colchão de molas.	Edição 12	Dez / 2007
Papa-Capim em: O homenzinho.	Edição 13	Jan / 2008
Cafuné em: Pena é pra quê?!	Edição 14	Fev / 2008
Papa-Capim em: Na rede!	Edição 15	Mar / 2008
Papa-Capim e Cafuné: A boca de Tupã.	Edição 19	Jul / 2008
Papa-Capim em: O segredo do cacique.	Edição 21	Set / 2008
Papa-Capim: Pintura de guerra.	Edição 24	Dez / 2008
Papa-Capim: Olha o que fizemos com a árvore que caiu!	Edição 25	Jan / 2009
Papa-Capim: Numa tribo distante.	Edição 26	Fev / 2009
Papa-Capim: Tá me seguindo por quê?	Edição 27	Mar / 2009
Papa-Capim em: Quero fazer alguma coisa melhor do que você!	Edição 28	Abr / 2009
Papa-Capim em: Um passeio de barco.	Edição 30	Jun / 2009
Papa-Capim em: Não assusta, vai!	Edição 34	Out / 2009
Papa-Capim: Você viu, não viu?	Edição 35	Nov / 2009
Papa-Capim: De que bicho é mesmo?	Edição 38	Fev / 2010
Papa-Capim: Câmeras.	Edição 39	Mar / 2010
Papa-Capim: Corra, que vem coisa aí!!	Edição 42	Jun / 2010
Papa-Capim em: Olha nós na fita.	Edição 43	Jul / 2010
Papa-Capim: Se a canoa não virar.	Edição 45	Set / 2010
Papa-Capim: Uma lua para Potira.	Edição 46	Out / 2010
Papa-Capim em: A água este longe ou perto demais	Edição 47	Nov / 2010
Papa-Capim: Debaixo de cada árvore.	Edição 49	Jan / 2011
Papa-Capim em: Clica e captura.	Edição 50	Fev / 2011
Papa-Capim em: Flechada, não!	Edição 51	Mar / 2011
Papa-Capim em: Tem uma cara muito feia lá fora!	Edição 52	Abr / 2011
Papa-Capim: Peixes.	Edição 53	Maio / 2011
Papa-Capim: Uma flor combina com que?	Edição 54	Jun / 2011
Papa-Capim em: Viram! Então, fujam!	Edição 56	Ago / 2011
Papa-Capim	Edição 59	Nov / 2011
Papa-Capim em: Pra cima...pra baixo.	Edição 60	Dez / 2011
Papa-Capim e o Estilingue.	Edição 62	Fev / 2012
Papa-Capim em: Aprendi com...	Edição 63	Mar / 2012
Papa-Capim em: Indecisão sempre acaba em confusão.	Edição 64	Abr / 2012
Papa-Capim em: Pesca.	Edição 65	Maio / 2012
Papa-Capim em: Cari Capenga.	Edição 66	Jun / 2012